

ISTOÉ

Edição 23 - 13/2/26

SAÍDA FORÇADA

Ministro do STF Dias Toffoli sucumbe às pressões e deixa a relatoria do Caso Master depois de revelações envolvendo empresa de sua família e o banqueiro Daniel Vorcaro





STF confirma saída do ministro Dias Toffoli da relatoria do caso do Banco Master

Índice

CAPA: FOTO DE WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

11 ECONOMIA



16 INTERNACIONAL

20 TECNOLOGIA

24 SAÚDE

25 CIÊNCIA

29 GENTE

31 ESPORTE

32 ESTILO DE VIDA

35 ENTRETENIMENTO

39 MEMÓRIA

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



Iza é uma das musas do Carnaval do Rio



Moncler e Metsavaht assinam uniforme olímpico

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORIA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
[@revistaistoe](https://www.instagram.com/@revistaistoe)

YouTube
[m.youtube.com/@revistaISTOE](https://www.youtube.com/@revistaISTOE)

X
[@revistaISTOE](https://www.x.com/@revistaISTOE)

TikTok
[@revistaistoe](https://www.tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn
<https://www.linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência

Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos.

A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)



sta

Fazer conteúdo científico exige estudar. "Enquanto produzo um roteiro, picaretas já fizeram 10"

O que mais te preocupa quando você vê conteúdos de saúde viralizando sem base científica? Como isso te mobilizou na criação desses conteúdos para as redes sociais?

Um dos gatilhos para eu começar a encarar a criação de conteúdo foi justamente enxergar o quanto a desinformação era muito viral. Comecei a fazer os vídeos na época da pandemia sem pensar nisso como carreira. Não imaginava que iria trabalhar com isso e que ia se tornar algo muito grande na minha vida. Os primeiros vídeos que fiz eram mais curiosidades da época da faculdade. E daí isso começou a dar super certo e a galera gostava. Mas percebi conteúdos que traziam desinformação e as pessoas não conseguiam entender por que aquilo estava errado. Pensei: "e se eu começar a falar sobre vírus, bactéria, contaminação do meu jeito, com personagens e humor? As pessoas estão muito curiosas com o que está acontecendo". Durante a pandemia, todo mundo se preocupou mais com imunidade, saúde. "Vou começar a levar isso mais a sério, vou falar sobre esses assuntos com mais frequência". E deu certo. Aos poucos, isso foi se tornando uma profissão, de fato. As marcas entraram em contato e isso foi tomando cada vez mais conta do meu dia a dia.

As pessoas estão se deparando com aquele negócio de "todo mundo inflamado". Parece que existe uma inflamação silenciosa. Você acredita que o termo foi banalizado ou, de fato, vivemos num contexto que favorece esse tipo de inflamação?

Eu ia dizer que inflamação é a palavra do ano, mas já é faz uns três anos. O ano vira e começa e a inflamação segue lá. Tem uma coisa que a gente fala dentro dos grupos de divulgação científica: se a gente perguntasse para todo mundo que cria conteúdo sobre inflamação, quais são os marcadores inflamatórios, qual é a via de inflamação, elas não vão saber responder. Porque elas só falam "inflamação" e não sabem o que estão combatendo, o que é inflamação na ponta do lápis. Quando as pessoas falam de inflamação, querem dar um nome para um quadro que a grande

"A desinformação é viral"

Para Mari Krüger, divulgadora científica, quanto mais gente nas redes gerar conteúdo baseado em evidências, melhor

A ciência nunca esteve tão presente nas redes sociais e, ao mesmo tempo, tão desafiada. Em meio a conteúdos que viralizam rapidamente, traduzir informação de forma clara, acessível e responsável tornou-se essencial para quem trabalha com divulgação científica. Essa é uma missão da bióloga Mari Krüger, criadora de conteúdo e influenciadora desde 2020. Com humor, criatividade, ela fala sobre biologia apli-

cada ao dia a dia, explica questões da população, como dúvidas sobre a pirâmide alimentar, e combate a desinformação. Mari começou a produzir conteúdos durante a pandemia, combinando sua formação científica com a experiência como atriz, atividade que exerce desde os 18 anos. Hoje ela conta com mais de quatro milhões de seguidores somados em suas redes sociais.

Thais Brito

maioria das pessoas hoje em dia sofre: cansaço, falta de energia, dificuldade de perder peso. Usam gatilhos. Muitas pessoas vão se identificar e pensar: “Isso só pode ser inflamação”. Mas, na verdade, é uma generalização que não faz sentido. Esses sintomas podem ser de vários quadros e eles vão precisar de tratamentos específicos individualizados. O que enxergo como uma grande problemática é a venda de soluções para essa inflamação, sendo que a gente nem sabe o que está acontecendo naquele corpo, não sabe o que é essa inflamação. Há tratamentos pseudocientíficos, suplementos sem evidência científica, shots milagrosos, diversos tipos de produtos. Vende-se uma solução que não faz sentido. E às vezes pode ser prejudicial. Uma das coisas que as pessoas me perguntam: “Tá, mas faz mal?”. O que são esses shots? Geralmente, levam limão, cúrcuma, às vezes vinagre. São ingredientes saudáveis, mas isso gera problemas, como criar uma expectativa que provavelmente não vai ser atendida. Aquilo ali não vai mudar sua vida. São alimentos nutritivos, mas a gente não precisa consumi-los daquela forma. As pessoas acabam indo para esses tratamentos e perdem tempo de fazer o correto. Em vez de buscar ajuda profissional para descobrir o diagnóstico, a pessoa perde tempo e dinheiro.

Estar cansado o tempo todo acabou normalizado. As pessoas estão numa busca constante por se tornarem mais produtivas. Do ponto de vista biológico, isso faz sentido ou algo está errado?

Cansaço extremo nunca vai ser algo normal. Mas diria que é comum. A gente é superestimulada por todos os lados. Muita informação, rotinas cansativas de trabalho, às vezes duplas, triplas. A gente aprendeu a normalizar, mas não é o certo. Sono é uma coisa que negligenciamos muito, como se não fosse algo tão importante. E é essencial o sono no período da noite, o sono escuro, de 6 a 8 horas. Quem hoje tem de 6 a 8 horas de sono? É um desafio. Quando alguém fala de cansaço extremo, antes de falar sobre suplemento, sobre qualquer outra coisa, a gente vai ter de analisar a qualidade de sono. É por isso também que não faz sentido sair indicando su-



plemento para a pessoa dormir, um suplemento de melatonina, por exemplo, que é super da moda agora. É preciso um sono reparador, profundo. Então, por que você está cansado? Pode ser que seja sono e dentro do sono também tem milhares de possibilidades. A avaliação tem de ser individualizada.

Na pegada do wellness e da performance, a população hoje realmente tem deficiência de proteína ou estão superestimando esse nutriente?

Estava vindo para cá e fui impactada por um anúncio de água proteica. A gente fazia piada: “qualquer hora vai ter água proteica”. Agora tem. A questão é algo muito delicado, mas também muito óbvio. Tem esse endeusamento da proteína, com certeza, impulsionado pelo movimento fitness, pelo wellness. “A gente precisa consumir muita proteína”. De novo, vou voltar para o mesmo papo da individualização dos tratamentos. É bem raro na população brasileira que exista uma deficiência de proteína. É muito mais comum uma deficiência em fibras do que em proteína. A gente está comendo pouca fruta, pouco vegetal, poucos grãos, pouca aveia. A proteína normalmente os brasileiros conseguem atingir a quantidade diária por meio da alimentação. Mas existem os recursos para casos individualizados, por exemplo,

quando você faz atividade física para hipertrofia, como a musculação, a calistenia, o crossfit. Daí você recebe, no seu plano alimentar, que você precisa consumir, digamos, 2.5g de proteína por quilo de peso corporal. Esses alimentos enriquecidos com proteína entram como uma estratégia. Eles podem ser recomendados por um nutricionista. É óbvio que a alimentação sempre vai ser o ideal. O alimento sempre vai ser a fonte mais completa até porque não vai ter só proteína. Tem outros nutrientes. O que eu acho que aconteceu é que a gente perdeu a mão. A gente poderia ter algumas estratégias. Tem o whey protein, as proteínas vegetais, os iogurtes, mas de repente tudo é adicionado de proteína. Até a água. E parece que todo mundo tem de consumir aquela água proteica. Talvez, dentro da sua alimentação, você já esteja consumindo o que precisa de proteína. Mas o marketing fez parecer que todo mundo precisa de mais. Fui impactada pelo react de um profissional que estava explicando, por exemplo, que essa água proteica utiliza a proteína de colágeno. E a proteína de colágeno não é tão completa; é de baixo valor biológico. Então, talvez estejam gastando muito em uma água que nem tem uma proteína tão bacana assim. Provavelmente um whey protein seria mais bem indicado naquele caso. E tem outra questão: a proteína é um componente caro.

Qual é seu maior desafio para construir conteúdo de qualidade, claro e atrativo para as redes?

Um dos maiores desafios de comunicar ciência na internet é a gente saber que o conteúdo de desinformação sempre vai ter um potencial viral muito maior. Porque ele traz a solução prática, traz o que a pessoa gostaria de ouvir. E é muito fácil de ser feito também. Quando uma pessoa quer passar uma desinformação, ela só abre a câmera do celular e sai falando qualquer coisa. Quem tem preocupação em fazer um conteúdo científico vai demorar para fazer roteiro, vai estudar, vai trazer as evidências científicas. Costumo dizer que, enquanto eu estou produzindo um roteiro, os picaretas já fizeram 10. A gente teve um episódio sobre a mudança na pirâmide alimentar dos Estados Unidos. Foi muito curioso. Todo mundo que olhou aquela imagem e saiu fazendo conteúdo conseguiu espalhar desinformação com muito mais agilidade do que quem se sentou para ler o guia e dizer: “A imagem diz isso, mas no guia diz isso aqui. Não é bem assim”. Obviamente, os conteúdos que foram feitos de forma rápida atingiram muito mais pessoas do que quem ficou ali estudando e trazendo uma informação com mais profundidade. Então, esse é um dos maiores desafios, e eu nem sei qual seria a solução. Sou uma grande entusiasta da divulgação científica nas redes sociais. Por isso, acredito que todo mundo que gostaria de estar ensinando tem de estar. Não é que todo mundo tem de virar tiktoker, mas, se você pode, vire. Porque quem está fazendo desinformação não pensa duas vezes. Isso se tornou uma batalha.

Por que as vacinas se tornaram uma questão tão polarizada? O que mais assusta: a desinformação ou a perda real da confiança na ciência?

Não consigo escolher o que mais me assusta, até porque elas andam juntas. Não sei dizer o que que aconteceu para que a gente passasse a descredibilizar as vacinas. Somos um país que historicamente sempre foi ótimo em taxas de vacinação. A gente tem o Zé Gotinha, símbolo da vacinação. A gente tinha esse evento: o dia de levar as crianças para vacinar e isso foi se per-



pendendo. Principalmente durante a pandemia, começou-se a questionar muito isso. Porque a desinformação que chegou até nós foi muito relacionada a como as vacinas para Covid foram feitas rápido demais. Essa foi a impressão que a população teve e que foi muito disseminada pelas pessoas que, infelizmente, não estudaram. Na verdade, a gente está estudando tanto a tecnologia que foi utilizada nas vacinas, como para o coronavírus de forma geral, e há muito tempo. A gente já vinha estudando a tecnologia do mRNA. Então, não era uma novidade tão grande dentro da ciência. E o que aconteceu? Tínhamos o mundo inteiro parado, olhando para essa pandemia e pensando numa solução para que tudo voltasse o normal quanto antes. Todos os cientistas do mundo estavam parados para fazer essa vacina. Muito incentivo financeiro, grandes líderes globais, donos de empresa, todos muito interessados em fazer essa vacina acontecer. E ela veio e a gente teve o resultado. A gente saiu dessa pandemia. A gente voltou à vida normal. Só que, nesse meio tempo, muita desinformação, muito conteúdo com potencial viral, pessoas distraídas, pessoas que não checam as informações. Os grupos de WhatsApp bombando de fake news. Nunca mais consegui bater os números da pandemia, por exemplo. Era muita gente consumindo conteúdo online, preso em casa. Foi ali que isso começou e acho que também começou

a virar essa polarização. É quase partidária. As pessoas começaram a se posicionar como “eu não acredito nas vacinas; eu acredito, então isso me faz ser desse partido”. Isso era pertencimento dentro de algo que é totalmente vinculado à saúde. E nós somos seres sociais. A gente quer se juntar com pessoas que concordam com a gente. Começamos a nos unir em tribos de pessoas que acreditam nessa mesma coisa e reforçam esses padrões de comportamento. Daí você entra para esse grupo e parece que ali todo mundo concorda e faz muito sentido que você esteja se posicionando dessa forma. E aqui a gente tem também novamente o quanto é difícil chegar nessas pessoas com conteúdo científico. Porque é um conteúdo que vai falar do “depende”. Ele é, às vezes, técnico, que eu tento fazer ser menos técnico por meio do humor. Do outro lado, tem gente prometendo milagres e protocolos de “desvacinar” a pessoa. É muito assustador. A gente está vendendo doenças que já estavam erradicadas voltando. Tivemos taxas de vacinação mais baixas do que a gente nunca tinha tido. Mas a gente tem de continuar firme na ideia de divulgar a ciência. Cada pessoa que a gente consegue fazer mudar de ideia é uma vitória. É um desafio diário combater a desinformação e explicar para as pessoas a importância de confiar na ciência e nas instituições de saúde. É viral hoje em dia questionar a ciência, infelizmente. ■



Durante reunião que durou mais de três horas, Dias Toffoli pediu para deixar a relatoria do caso Master

Relação direta

Ministro Dias Toffoli, do STF, entra na alça de mira da PF e da Suprema Corte após mensagens apontarem elo entre ele e o banqueiro Daniel Vorcaro

João Vitor Revedilho, de Brasília

Em uma sala fechada na presidência do Supremo Tribunal Federal (STF), todos os ministros se reuniam para cravar o destino do ministro Dias Toffoli na relatoria do caso Master. Foram mais de três horas de reunião, regada a tensão e pressão, com o ministro pedindo para deixar a relatoria do caso. Após um intervalo de uma hora, os magistrados voltaram a se reunir para definir o comunicado à imprensa e bateram o martelo para o afastamento de Toffoli do caso.

O ministro não resistiu à pressão que já pairava sobre sua cabeça desde segunda-feira, 9. Presidente da Corte, o ministro Luiz Edson Fachin se reuniu a portas fechadas com o diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues. O chefe da corporação entregou ao presidente do STF um relatório que aponta a relação direta entre Dias Toffoli e o banqueiro Daniel Vorcaro, centro das investigações por fraude bancária. Toffoli foi citado em diversas trocas de mensagens de Vorcaro com seus contatos. Uma das conversas

foi com Fabiano Zettel, cunhado do banqueiro, que teria comentado sobre pagamentos diretos feitos ao ministro do STF.

A notícia caiu como uma “bomba” na Suprema Corte. Na noite de quarta-feira, 11, ministros passaram a avaliar os danos das informações divulgadas pela imprensa sobre a imagem do STF. De quebra, membros do Palácio do Planalto e do Congresso Nacional passaram a olhar de perto as movimentações para tentar evitar que a crise atravessasse a rua da Praça dos Três Poderes.



O ministro tem participação em uma empresa proprietária de um resort, que foi vendido para o cunhado de Daniel Votorano

de R\$ 150 e está endereçada em uma casa residencial em Marília, no interior de São Paulo.

A empresa tinha participação no resort Tayayá, que foi vendido por R\$ 6,6 milhões para um fundo de investimentos que tinha Fabiano Zettel como um dos donos. Além do luxo, o lugar reservava uma área de cassino. Mesmo após a venda, Toffoli continuava frequentando o local, com direito a uma casa reservada no alto do empreendimento. Ele ainda recebia autoridades e empresários, como o banqueiro André Esteves, chairman do BTG Pactual, que foi gravado do resort com Toffoli, de acordo com imagens obtidas pelo portal Metrópoles.

Em todos os momentos, Toffoli evitou admitir relações com o empreendimento. Ele só passou a admitir a sociedade após uma reunião com o presidente da Corte, Edson Fachin, após o recebimento de um pedido de suspeição contra ele. Para interlocutores, o magistrado disse ser sócio e que apenas recebe os dividendos, não tendo participação na direção do negócio. O regimento interno da Suprema Corte não impede os ministros de manter sociedade em empresas, desde que não julgue processos em que as mesmas estejam envolvidas.

Em nota à imprensa, Dias Toffoli afirmou que a participação da Maridt no resort foi encerrada em duas operações. A primeira, para o Fundo Arllen - de Fabiano Zettel - foi concretizada em 2021, enquanto a segunda, para a PHD Holding, foi efetivada no começo do ano passado. Ele ainda negou ter recebido valores diretamente de Daniel Votorano e Fabiano Zettel, além de chamar de “ilações” as acusações impostas a ele. “Deve-se ressaltar que tudo foi devidamente declarado à Receita Federal do Brasil e que todas as vendas foram realizadas dentro de valor de mercado. Todos os atos e informações da Maridt e de seus sócios estão devidamente declarados à Receita Federal do Brasil sem nenhuma restrição”. ■

Logo de cara, deputados, senadores e ministros palacianos defenderam a saída de Toffoli da relatoria do processo, sendo uma Arguição de Suspeição contra ele protocolada na Corte.

A tensão piorou nas primeiras horas de quinta-feira, 12. O ministro tentou se explicar mais uma vez, mas a nota enviada à imprensa não colou. No fim da tarde, Fachin convocou o encontro reservado entre os ministros, que se dividiam entre manter ou não Dias Toffoli à frente dos processos. Após o próprio ministro pedir para deixar o caso, a Corte preparou uma nota em que pregava a união entre os magistrados em apoio a Toffoli. “Expressam, neste ato, apoio pessoal ao Exmo. Min. Dias Toffoli, respeitando a dignidade de Sua Excelência, bem como a inexistência de suspeição ou de impedimento. Anote-se que Sua Excelência atendeu a todos os pedidos formulados pela PF e PGR”, afirma a nota.

A Corte rechaçou qualquer tentativa de suspeição do ministro. “Os dez Ministros do Supremo Tribunal Federal, considerando o contido no processo de número 244 AS, declararam não ser caso de cabimento para a arguição de suspeição, em virtude do disposto no art. 107 do Código de Processo Penal e no art. 280 do Regimento Interno do STF”. Após a decisão, o processo foi redistri-

buído para o ministro André Mendonça, que comandará as ações dos processos a partir da sexta-feira, 13.

A crise sucede às polêmicas que já colocavam Toffoli sob suspeição no Caso Master. O ministro já era alvo de críticas pela sua condução no processo de Votorano. As reclamações começaram ainda no fim do ano passado, quando a delegada da Polícia Federal responsável pelo caso foi obrigada a ler as perguntas feitas pelo ministro para o depoimento do banqueiro e do ex-presidente do Banco Regional de Brasília (BRB) - que tentou comprar o Banco Master no começo de 2025, Paulo Henrique Costa. Antes, o ministro tinha entrado na rota de suspeição no caso ao viajar no jatinho do ex-senador Luiz Pastore, acompanhado do advogado Augusto Arruda Botelho, que atua na defesa do ex-diretor de compliance do banco, Luiz Antônio Bull.

Toffoli também se viu na fogueira após a revelação da participação dele em uma empresa familiar que teria sido proprietária de um resort em Ribeirão Claro, no interior do Paraná. A Maridt Participações S.A tem o magistrado e seus irmãos como sócios, mas o nome do ministro não está em documentos públicos por se tratar de uma sociedade anônima. De acordo com a Receita Federal, a Maridt possui um capital social



Apoiadores do ex-presidente acreditam que a progressão da pena de Bolsonaro para o regime domiciliar está “amadurecida”

A um passo da domiciliar

Aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro veem adesão do STF para possibilidade de troca no regime de pena após problemas de saúde na Papudinha

João Vitor Revedilho

Nas últimas semanas, o movimento no Supremo Tribunal Federal (STF) é de forte entra e sai de reuniões em quase todos os gabinetes, além de longas ligações para os ministros. Aliados de Jair Bolsonaro (PL) tem tentado avançar nas articulações para, enfim, emplacar a prisão domiciliar do ex-presidente, condenado a 27 anos e três meses de prisão por participar da trama golpista. Nas ligações, emissários têm tentado melhorar a relação com a Suprema Corte após os sucessivos ataques de apoiadores, além de reiterarem que o estado de saúde de Bolsonaro não é bom. Para os interlocutores, a progressão para o regime domiciliar está “amadurecida” e será uma

questão de tempo. Bolsonaro está em regime fechado desde 22 de novembro do ano passado, quando tentou romper a tornozeleira eletrônica, uma medida cautelar imposta ao ex-presidente após descumprir determinações do STF.

Durante um tempo, ficou preso na Superintendência da Polícia Federal em Brasília, mas os recorrentes problemas de saúde o fizeram ser transferido para o Batalhão da Polícia Militar do Distrito Federal, conhecido como Papudinha. Com mais espaço, os médicos entenderam que o local seria mais viável para o cumprimento da pena, justificativa acatada pelo relator do processo, o ministro Alexandre de Moraes. Desde então, os interlocutores

do ex-presidente passaram a atuar nos bastidores. Quem mais está à frente é a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, que já se reuniu com ministros da Corte para apresentar as justificativas da prisão domiciliar. Já o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), chegou a ligar para quatro ministros na tentativa de costurar um acordo pela progressão para o regime domiciliar de Bolsonaro.

Na quarta-feira, 11, Tarcísio esteve reunido presencialmente com ministros da Suprema Corte. Embora o tema principal fosse a adesão do estado de São Paulo ao Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados (Propag), houve espaço para conversas sobre a prisão

Flávio ainda sem adesão

Apesar de ter sido escolhido por Bolsonaro como seu sucessor político, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) enfrenta forte resistência do clã bolsonarista. Aliados afirmam ter "engolido" a indicação, mas ainda sentem "azia" e resistem à candidatura do filho "01". Na avaliação deles, Flávio conta apenas com o sobrenome do pai para embalar a campanha.

O senador oficializou sua candidatura à presidência no dia 5 de dezembro em uma publicação nas redes sociais. Ainda sob suspeita, o parlamentar resolveu ler uma carta escrita pelo pai para reforçar o apoio ao seu nome na disputa pelo Planalto no fim do ano. A campanha conta com apoio da linha de frente do ex-presidente, como o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, e o senador Rogério Marinho (PL-RN), que coordena a pré-campanha de Flávio.

Mesmo com os apoios, o "01" ainda não tem a adesão em massa em sua campanha. Sob reserva, pessoas próximas de Bolsonaro avaliam que Flávio não tem capilaridade para absorver os votos do pai. Eles reforçam a falta de carisma, além do afastamento de pares importantes da cúpula, como a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. A relação entre ela e Flávio sempre foi alvo de questionamentos, principalmente após Michelle criticar o apoio à candidatura de Ciro Gomes (PSDB) ao governo do Ceará. Flávio, todavia, apoiava o ex-alliado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A repercussão negativa e o embate público obrigou a ex-primeira-dama a recuar de suas falas, abrindo mais um flanco na disputa entre eles.

Presidente do PL Mulher, Michelle tem evitado agendas públicas e não explicita o apoio ao enteado nas redes sociais. Nos bastidores, porém, ela tem defendido o afastamento cada vez maior dos filhos do ex-presidente. Ela e outros aliados querem que o capital político de Jair Bolsonaro seja transferido ao governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), que chegou a ser cotado como favorito do ex-presidente, mas que nega qualquer tentativa de concorrer ao Planalto. Tarcísio disse que chegou a ser questionado sobre uma possível candidatura, mas negou, afirmando que quer manter seu projeto em São Paulo por mais quatro anos.



Flávio continua a enfrentar resistência do clã bolsonarista

ALESSANDRO DANTAS

domiciliar. A jornalistas, o governador paulista garantiu haver "um sentimento" pela ida de Bolsonaro para a casa e afirmou que o país deveria ter mais consideração pelos ex-presidentes da República.

"Quando temos a oportunidade levamos a questão humanitária. Entendo que o presidente não tem saúde para ficar no regime fechado, precisa estar com sua família", disse. Ao que completou: "Vamos trabalhar para que ele possa voltar para a sua casa". Segundo o governador paulista, "existe um sentimento" de que isso é plenamente factível. "Temos precedentes, outros casos, como o do presidente [Fernando] Collor", reforçou.

Aliados do ex-chefe do Planalto calculam ao menos cinco votos para garantir o cumprimento da pena dele em casa. Na lista estão os ministros Kássio Nunes Marques e André Mendonça, indicados por Bolsonaro à Corte, além de Luiz Fux e Dias Toffoli. Completa a lista o decano Gilmar Mendes. A ava-

liação de bolsonaristas, sob reserva, é que outros pares tendem a votar pela domiciliar. Um deles é o presidente da Suprema Corte, Edson Fachin, além de Cristiano Zanin, visto como incógnita entre os mais próximos do ex-presidente da República.

Entretanto, o retorno de Jair Bolsonaro ao regime domiciliar dependerá de condicionantes que envolvem desde o próprio ex-presidente até seus defensores mais distantes. Para costurar um acordo, o STF quer reduzir as tensões e amadurecer as relações com a cúpula bolsonarista. A ideia visa tirar a Corte do protagonismo das discussões públicas momentaneamente, arrefecendo a alta temperatura e a pressão sobre os ministros. O principal alvo do pedido é o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), escolhido como sucessor político do ex-presidente da República. Recentemente, o presidenciável atacou Moraes durante entrevista à uma emissora ligada à ultradireita francesa. ■



FELIPE MARQUES/ZUMA PRESS/ESTADÃO CONTEÚDO

co. E aponta que seu investimento foca em logística, segurança e limpeza. Questionado sobre o difícil acesso dos blocos aos patrocínios, Nunes afirmou, em coletiva no fim de janeiro, que as agremiações tinham de buscar seu próprio “despertar de empreendedorismo”. Segundo ele, “ficar acomodado, querendo tudo do governo, não é por aí”.

A fala repercutiu negativamente entre os organizadores. Rodrigo Guima, um dos fundadores do bloco “Tarado Ni Você”, destacou que 600 agremiações disputaram um edital de “Fomento Cultural a Blocos de Carnaval de Rua” de apenas R\$ 2,5 milhões, o que resulta em R\$ 25 mil para cada um dos 100 blocos selecionados. “Para ter ideia, o trio elétrico do nosso bloco, que arrasta 150 mil pessoas, custa R\$ 60 mil. Esse repasse não custeia nada”, pontuou. Guima observou ainda que a Ambev pôde revender sete cotas de patrocínio para marcas como 99 e Keeta. “Muita gente está lucrando muito, e não são as pessoas que fazem a festa acontecer”, desabafou.

A tensão atingiu o ápice no domingo, 8, na rua da Consolação. Houve um encontro do tradicional “Acadêmicos do Baixo Augusta” com o estreante bloco da Skol, comandado pelo DJ Calvin Harris, resultando em caos. Grades de segurança foram derrubadas pela multidão e artistas precisaram interromper as apresentações diversas vezes devido ao empurra-empurra. O desfile do Baixo Augusta sofreu um atraso de duas horas.

O episódio gerou forte reação política. O vereador Nabil Bonduki (PT) açãoou o Ministério Público de São Paulo para intervir na organização, afirmando que “interesses comerciais não podem ficar acima da segurança”. Para a vereadora Marina Bragante (Rede), “o projeto de Carnaval da gestão não está de acordo com o projeto de Carnaval de quem vem tocando a festa há muitos anos”.

Após ser provocado por parlamentares, o tribunal determinou que a gestão de Ricardo Nunes apresente uma cópia do contrato com a Ambev. Em resposta, a prefeitura anunciou novas medidas de segurança: agentes municipais passarão a acompanhar os desfiles de dentro dos trios elétricos para monitorar a dinâmica dos blocos. ■

O “Baixo Augusta” e o bloco da Skol, com Calvin Harris, se encontraram, gerando tumulto

O caos do Carnaval paulistano

Com redução de 29% no orçamento oficial para a folia, prefeitura apostou em modelo empresarial que privilegia megablocos e gera queixas de infraestrutura

Marina Miano

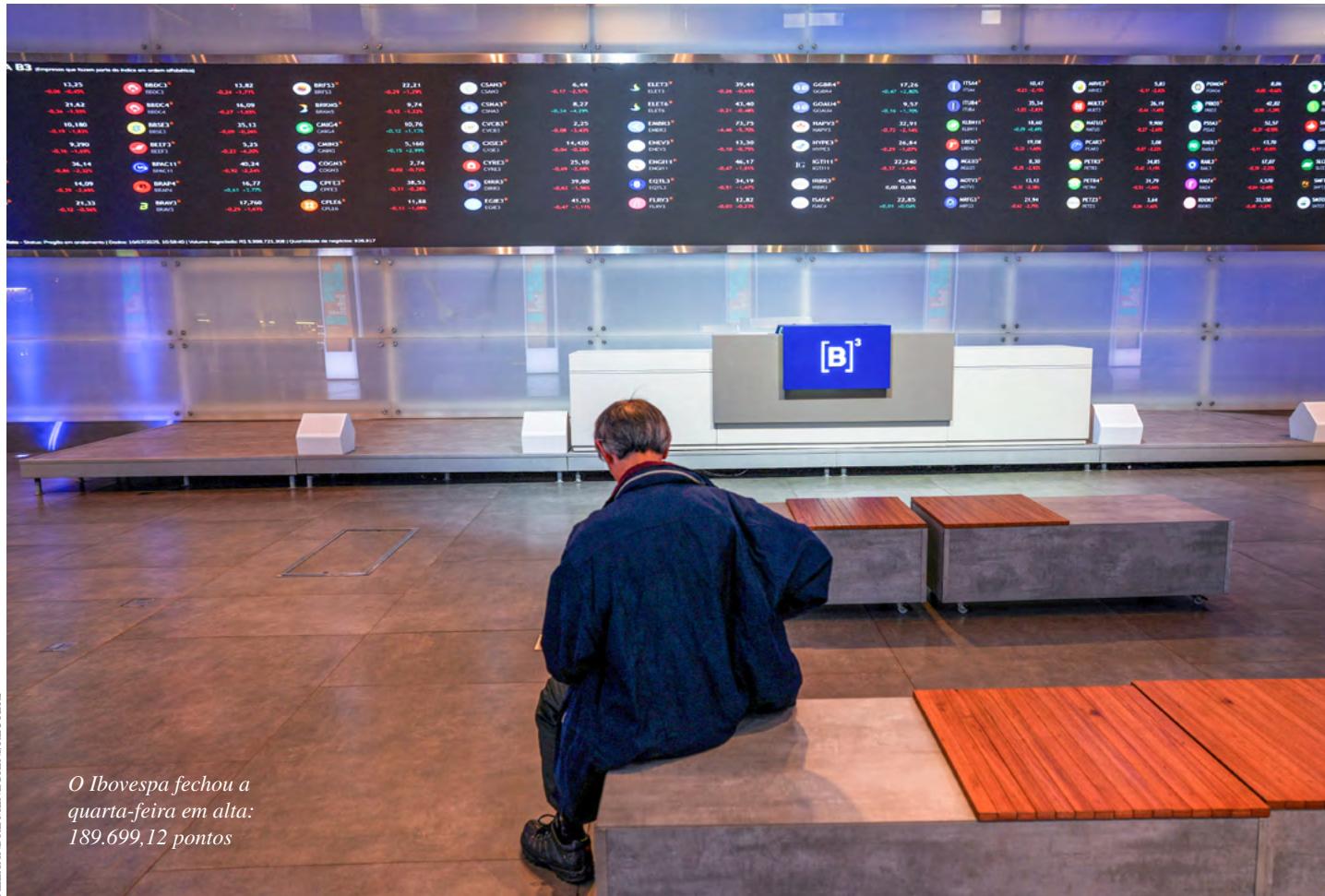
O pré-Carnaval de rua de São Paulo escancarou a contradição entre o sucesso financeiro celebrado pela gestão pública e as dificuldades estruturais enfrentadas por blocos. Sob o comando do prefeito Ricardo Nunes (MDB), a festa foi alvo de críticas antes mesmo de começar devido a uma redução de R\$ 12 milhões no orçamento destinado pela prefeitura à estrutura e à organização. A justificativa oficial é que, pela primeira vez, a iniciativa privada custaria 100% da estrutura.

Os números, no entanto, apontam uma queda nos investimentos totais: em 2025, a gestão municipal investiu R\$ 42,5 milhões na infraestrutura, contando com um patrocínio de R\$ 27,8 milhões da Ambev. Para 2026, o valor total caiu para R\$ 30,2 milhões, redução de

29% no montante aplicado na organização dos desfiles dos blocos. Desde 2024, a SPTuris, empresa municipal de turismo e eventos, é responsável por toda a estrutura do carnaval de rua, incluindo banheiros químicos, sinalização e montagem dos circuitos. Na prática, foliões reclamaram da falta de banheiros — 37% menor do que no ano passado —, além de superlotação e tumultos.

A Ambev venceu a licitação como parceira oficial do Carnaval 2026 com um aporte de R\$ 29,2 milhões. O contrato garantiu a exclusividade de vendas para suas marcas nos blocos oficiais e marcou o retorno da Skol como protagonista após um hiato de seis anos.

A administração municipal projeta atrair 16 milhões de foliões com 650 blocos ao final do período carnavales-



Recorde após recorde

Ibovespa bate 190 mil pontos pela primeira vez com fluxo estrangeiro; dólar registra o menor valor de fechamento desde maio de 2024

OIbovespa ultrapassou a marca dos 190 mil pontos pela primeira vez na sessão da quarta-feira, 11. O principal índice do mercado acionário brasileiro fechou em alta de 2,03%, a 189.699,12 pontos. É seu recorde, após ter registrado outro, dois dias antes, com 186.242,99 pontos. A bolsa vem colecionando marcas históricas, em curto período de tempo, desde o final do ano passado. Em 2026, já foram 11 recordes no fechamento nominal.

O movimento do Ibovespa foi tracionado pelas blue chips como Vale, Petrobras e Itaú Unibanco, na esteira

do persistente fluxo de capital externo para as ações brasileiras. O índice marcou 190.561,18 no melhor momento, novo recorde intradia, após superar na sessão os 188 mil e os 189 mil pontos pela primeira vez. Na mínima, registrou 185.936,27 pontos.

O noticiário corporativo reforçou o viés positivo, com Suzano disparando mais de 13% após resultado forte e expectativas otimistas para a demanda de celulose, enquanto TIM saltou 8%, também refletindo a repercussão a números melhores do que o previsto no último trimestre do ano passado.

Já o dólar à vista fechou o dia com queda de 0,20%, aos R\$ 5,1872 — o menor valor de fechamento desde 28 de maio de 2024, quando a moeda encerrou aos R\$ 5,1539. No ano, a divisa acumula baixa de 5,50%.

Após abrir a sessão em baixa, o dólar à vista zerou as perdas no Brasil e chegou a ser cotado na máxima de R\$ 5,2044 (+0,13%) às 10h33, acompanhando o fortalecimento da moeda norte-americana no exterior, após a divulgação do relatório de empregos (payroll) nos Estados Unidos. Às 17h03, o dólar futuro para março —



Relatório de empregos nos Estados Unidos reduziu a probabilidade de cortes agressivos do Fed



JOE RAEDLE/AFP

atualmente o mais líquido no Brasil — caiu 0,17% na B3, aos R\$ 5,2025.

“O ambiente externo ainda favorável a mercados emergentes, com fluxo global relevante de capitais em direção a ativos de maior retorno, segue beneficiando o real, apesar do payroll mais forte nos EUA.

Mesmo com o dado de emprego americano reduzindo a probabilidade de cortes agressivos do Fed, o mercado tratou o relatório como insuficiente para reverter a tendência de rotação de fluxos para emergentes, permitindo que o real permanecesse forte em relação ao dólar”, disse Bruno Shahini, especialista em investimentos da Nomad.

O documento mostrou que a economia norte-americana gerou 130 mil postos de trabalho em janeiro, bem acima da projeção de 70 mil vagas apontada em pesquisa da Reuters com economistas. A taxa de desemprego ficou em 4,3% em janeiro, ante projeção de 4,4%.

Em reação aos números, os rendimentos dos Treasuries (títulos do Tesouro) passaram a registrar altas fortes e o dólar ganhou força, em meio à leitura de que o espaço para cortes de juros nos EUA diminuiu. No entanto, o forte fluxo de recursos estrangeiros para a bolsa voltou a ditar o ritmo dos negócios no Brasil, com o dólar à vista atingindo a mínima de R\$ 5,1697 (-0,54%) às 11h09 — em um momento em que o Ibovespa superava recordes históricos.

“Há um fluxo financeiro forte para emergentes, com o dólar perdendo valor globalmente. No Brasil, a bolsa está

renovando recordes sequenciais, e aí não tem jeito: é muita oferta de dólar e o preço vem para baixo mesmo”, comentou Fernando Bergallo, diretor da assessoria FB Capital.

Ainda que a queda tenha desacelerado até o encerramento da sessão, o dólar terminou em leve baixa ante o real, em sintonia com o recuo da moeda norte-americana ante outras divisas de emergentes, como o peso chileno e o peso colombiano.

As 17h04, o índice do dólar — que mede o desempenho da moeda norte-americana frente a uma cesta de seis divisas fortes — recuou 0,04%, atingindo 96,877.

Na manhã da quarta-feira, 11, durante evento do BTG Pactual em São Paulo, o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, repetiu que a instituição pretende começar a “calibragem” da taxa de juros a partir de março, mas evitou dar sinais sobre o que será feito no restante do ano. No fim de janeiro, o BC manteve a taxa básica Selic em 15% ao ano, mas sinalizou a intenção de iniciar o ciclo de cortes em março.

O diferencial de juros entre Brasil e Estados Unidos — cuja taxa de referência hoje está na faixa de 3,50% a 3,75% — vem sendo apontado como um dos fatores para atração de investimentos ao país, conduzindo as cotações do dólar a patamares mais baixos nos últimos meses. ■

Ouro histórico

Matheus Almeida

As exportações brasileiras de ouro somaram US\$ 820,3 milhões em janeiro, alta de 102,9% ante o mesmo mês de 2025 e maior valor mensal desde o início da série histórica, em 1989, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). O resultado superou, inclusive, o recorde anterior, registrado em dezembro de 2025. O volume embarcado também avançou 15,4% na comparação anual, alcançando 6,8 toneladas. Canadá, Suíça e Reino Unido foram os principais destinos do metal brasileiro.

O desempenho ocorre em meio à valorização histórica do ouro no mercado internacional, impulsionada por instabilidades geopolíticas e pela demanda de bancos centrais por diversificação de reservas. Em 29 de janeiro, a cotação ultrapassou US\$ 5,6 mil por onça (31,1 gramas), em meio à escalada das tensões entre Estados Unidos e Irã, o que reforçou a busca por ativos de proteção. No dia seguinte, porém, o preço do metal recuou mais de 9,8%, na maior baixa em um único dia desde 1983.

Em fevereiro, a cotação voltou ao patamar de US\$ 5 mil. Na quarta-feira, 11, o ouro fechou em alta de 1,34%, a US\$ 5.098,5 por onça na Comex, divisão de metais da Bolsa de Nova York, mantendo-se em nível elevado.



ALEXLMX/FREEPIC

Novo patamar do petróleo

Brasil alcança recorde produtivo em 2025, mas precisa correr contra o tempo em novas fronteiras de exploração, como na Margem Equatorial, em busca do Top 5

Alexandre Inacio

O setor energético brasileiro se consolidou em um novo patamar de relevância global ao encerrar 2025 com um recorde histórico de produção de petróleo. Com isso, o Brasil se consolida em posição estratégica na vitrine dos grandes players mundiais. Há desafios, contudo, no horizonte até a próxima década, relacionados a novos poços – cenário que envolve a Margem Equatorial, ao Norte do país.

Neste momento, dados consolidados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) indicam que o Brasil fechou o último ano com uma média de produção de petróleo de 3,7 milhões de barris por dia (bpd). Tal patamar mantém o país entre os dez maiores produtores do planeta, oscilando entre a oitava e nona posições a depender do resultado de outras nações, ainda não anunciados.

O desempenho do ano passado sinaliza o que esperar da produção nacional para os próximos anos. Projeções da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e de consultorias internacionais, como a Rystad Energy, indicam que o país vai atingir um pico produtivo no início da década de 2030, superando a marca de cinco milhões de bpd. Caso esse volume se confirme, o Brasil ascenderá ao posto de um dos cinco maiores produtores de petróleo do mundo, sustentado quase integralmente pela robustez e competitividade técnica das reservas do pré-sal.

“Vamos atingir nosso pico de produção em 2031 ou 2032. Cinco milhões de barris colocariam o Brasil entre os cinco maiores produtores do mundo, se a gente considerar as projeções de hoje, isso muito empurrado pelo pré-sal”,

Com uma média de 3,7 milhões de barris por dia, o Brasil fechou 2025 entre os dez maiores produtores do mundo





Estudo de volumetria da bacia da Foz do Amazonas aponta produção de até 150 mil barris por dia

afirmou Heloísa Borges, diretora de Estudos de Petróleo, Gás e Biocombustíveis da EPE. Em curíssimo prazo, o Brasil deve manter a liderança na América Latina. A consultoria Rystad Energy apontou, ademais, em um recente relatório, que o país será o principal motor do crescimento da oferta de óleo fora da Opep+ (grupo ampliado formado por países produtores de petróleo), com produção prevista superior a 4,2 milhões de bpd já no próximo ano.

Esse avanço é impulsionado pela entrada em operação de novas Unidades Flutuantes de Produção, Armazenamento e Transferência (FPSOs) de companhias petrolíferas. Recentemente, o sistema produtivo ganhou o reforço de três plataformas da Petrobras nos campos de Búzios e Mero, além do início das atividades da norueguesa Equinor no campo de Bacalhau, na Bacia de Santos. A escala e a resiliência desses projetos garantem que o Brasil, ao lado de Guiana e Argentina, dite o

futuro energético da região, mantendo-se imune às oscilações de curto prazo e à possível reinserção da Venezuela no mercado internacional, cuja infraestrutura deteriorada exigiria investimentos vultosos e tempo para recuperação.

“Uma reestruturação da indústria petrolífera venezuelana será cara e demorada, com os três grandes da região – Argentina, Guiana e Brasil – permanecendo amplamente indiferentes ao retorno estimado, a curto prazo, do petróleo venezuelano”, disse Radhika Bansal, vice-presidente de Oil & Gas Research da Rystad Energy, no relatório.

Desafio à frente

A estratégia brasileira de expansão em petróleo, contudo, enfrenta o desafio do tempo e da geologia. Para evitar o declínio natural da curva produtiva após 2035, o Brasil precisa avançar hoje na exploração de novas fronteiras, caso da Margem Equatorial, indica a EPE. Embora o potencial da bacia da Foz do

Amazonas ainda dependa de licenciamentos e avaliações de comercialidade, estudos indicam volumes recuperáveis que podem somar quase dez bilhões de barris de óleo equivalente.

Mas o ciclo entre a descoberta de um reservatório e o “primeiro óleo” pode levar até dez anos. “A Foz do Amazonas está em uma categoria que chamamos de recurso não descoberto, ou seja, o recurso que ainda está em fase de exploração. Mas fizemos um estudo de volumetria com uma previsão da produção de 100 mil a 150 mil barris por dia”, revelou Heloísa, da EPE. Ainda que a produção na Margem Equatorial leve tempo para alcançar um ritmo de produção elevado, sua descoberta é considerada estratégica para garantir a segurança energética do Brasil. Na visão de Heloísa, o recurso demandado daqui a 15 anos precisa ser descoberto hoje.

A aposta nessas frentes é vista como vital não apenas para a segurança energética nacional, mas também para a manutenção do fluxo de investimentos estrangeiros. Atualmente, o Brasil é considerado o principal destino global de unidades offshore (no mar) e o mercado prioritário para gigantes como Shell e Equinor fora de suas sedes. Além da segurança no abastecimento, a ascensão ao Top 5 global traz dividendos geopolíticos e fiscais. O petróleo tornou-se o item central da pauta de exportações brasileira, fortalecendo a balança comercial e reduzindo a vulnerabilidade a choques externos.

O governo brasileiro argumenta que a renda gerada pelo setor é essencial para financiar a própria transição energética do país. A visão oficial é de que o crescimento da produção de fósseis não é incompatível com as metas climáticas: ao contrário, os recursos do petróleo devem subsidiar o desenvolvimento de tecnologias de baixo carbono e a expansão de biocombustíveis. Para Heloísa, no horizonte de longo prazo, o Brasil projeta um modelo de refino mais modular e integrado, focado em diesel e querosene de aviação, enquanto aposta na liderança dos renováveis para garantir que a matriz energética do país permaneça como uma das mais limpas do mundo, mesmo operando como uma potência petrolífera global. ■



De volta para a amarelinha

Volkswagen retoma patrocínio da seleção brasileira, às vésperas da Copa do Mundo e de olho em outra, a Feminina, em 2027

Lucca Mendonça

Faltando cerca de quatro meses para a Copa do Mundo, a Volkswagen do Brasil anunciou oficialmente que passou a integrar o time de patrocinadores da CBF e de todas as seleções brasileiras de futebol em 2026 e 2027, tanto no masculino quanto no feminino e em todas as categorias de base. Com a parceria, a montadora retorna ao futebol nacional depois de ter sido patrocinadora da seleção entre 2009 e 2014.

O acordo, apresentado recentemente no Rio de Janeiro, ganha peso simbólico também por anteceder a Copa do Mundo Feminina de 2027, que será realizada no Brasil, e sediada pela primeira vez na América do Sul. A Volkswagen trata o novo momento como mais do que uma ação de marketing esportivo. A ideia é reforçar a ligação histórica entre a marca, o futebol e a cultura brasileira. Para a CBF, a aliança faz sentido por unir duas instituições que ajudaram a moldar a identidade do país ao longo das últimas décadas.

Para celebrar o retorno, a montadora expôs na CBF cinco modelos ligados

às cinco conquistas da seleção masculina: Fusca 1958 (quando o Brasil foi campeão pela primeira vez, a Volkswagen se preparava para a montagem do primeiro carro de fabricação nacional, o Fusca, com 54% de peças produzidas no país), Kombi 1962 (o veículo já fazia sucesso; tinha 50% das peças e componentes fabricados por aqui), VW 1600 TL 1970 (na conquista do tri, o modelo chegou às ruas brasileiras), Gol 1994 (foi a segunda vez que a montadora lançou uma versão para a Copa) e Polo 2002 (estreia do modelo).

“Ao longo da nossa trajetória, nos tornamos a maior fabricante de automóveis do país, com mais de 26,2 milhões de veículos produzidos, contribuindo com o desenvolvimento da indústria e da economia. Agora, entramos em campo para unir duas paixões que movem o Brasil: carros e o futebol, que emociona, inspira e conecta o País inteiro”, afirmou Ciro Possobom, presidente e CEO da Volkswagen.

A montadora destacou também a liderança nos principais segmentos do

mercado nacional e sua trajetória marcadada por fenômenos de vendas, como Fusca, Gol, Polo, T Cross e, agora, o Tera.

Será lançada uma versão de um carro com inspiração no esporte. Porém, a empresa não revelou qual será o modelo, nem detalhes de design ou motorização, mas indicou que o lançamento fará parte das ações ligadas ao patrocínio. Com a novidade a ser apresentada, a Volkswagen terá criado nove edições especiais do gênero. Foram lançados o Gol Copa (1982, 1994 e 2006), Gol Sport (2002), Gol Seleção (2010 e 2014) e Fox Seleção e Voyage Seleção (também em 2014).

As grandes apostas para esta edição vão para o Tera, que hoje é a “menina dos olhos” da marca no Brasil, e um de seus líderes de vendas no país. Caso a aposta se confirme, será o primeiro SUV da VW com série especial dedicada ao futebol.

A conexão da empresa no Brasil com o esporte foi ressaltada, quando se lembrou o carro mais produzido, mais vendido e mais exportado do país é o Gol, cujo nome já entrega a inspiração. Produzido de 1980 a 2022, o modelo teve 8,5 milhões de unidades fabricadas na unidade Anchieta, em São Bernardo do Campo (SP), e em Taubaté. Desse total, 7 milhões de unidades foram vendidas no Brasil e 1,5 milhão de unidades foram exportadas. A montadora salientou que o Gol equivale a 32% de tudo que já foi produzido na história de 72 anos da Volkswagen do Brasil.

Além do Brasil, a Volkswagen patrocina outras 11 seleções nacionais, como Alemanha, França, Itália, Estados Unidos, Holanda e Uruguai. Na Alemanha, a marca é acionista majoritária do Wolfsburg, clube da Bundesliga. ■

Tragédia canadense

Oito pessoas são mortas em um ataque e surpreende o país, que tem rígido controle de armas; atiradora também morreu



Ataque ocorreu na pequena cidade de Tumbler Ridge: seis menores de idade morreram

O silêncio gelado de Tumbler Ridge, pequena cidade de 2,4 mil habitantes aos pés das Montanhas Rochosas, na Colúmbia Britânica, foi quebrado às 13h30 da terça-feira, 10. Nesse horário, a Polícia Montada Real do Canadá (RCMP) recebeu o alerta de um atirador ativo na Tumbler Ridge Secondary School. Em poucos minutos, viaturas cercaram a área e moradores receberam a ordem: permanecer em casa e trancar as portas.

O que as autoridades reconstruíram nas horas seguintes chocou o país. O ataque começou em uma residência da

cidade. Ali, a agressora matou a própria mãe, Jennifer Strang, 39 anos, e o meio-irmão, de 11. Em seguida, dirigiu-se à escola, que tem 160 alunos do 7º ao 12º ano.

Dentro do prédio, seis pessoas foram mortas: uma educadora de 39 anos, três alunas de 12 anos e dois alunos, de 12 e 13 anos. Ao menos outras 25 pessoas ficaram feridas, muitas pisoteadas ou atingidas no caos da fuga.

A suspeita foi identificada como Jesse Van Rootselaar, uma mulher transgênero de 18 anos. Ex-aluna do colégio, ela tinha abandonado os es-

tudos havia quatro anos. A polícia a encontrou morta na escola com um ferimento de arma de fogo autoinfligido. Segundo os investigadores, ela tinha histórico de problemas de saúde mental e já fora alvo de atendimentos anteriores. Possuía licença de arma que havia expirado; armas tinham sido apreendidas em sua casa dois anos antes e posteriormente devolvidas à família por decisão judicial. No local do crime, foram encontradas uma arma longa e uma pistola modificada. A motivação permanece desconhecida.

O vice-comissário da RCMP, Dwayne McDonald, afirmou que os policiais chegaram à escola "em dois minutos", resposta que, segundo Nina Krieger, ministra da Segurança Pública e procuradora-geral da Colúmbia Britânica, "sem dúvida salvou vidas".

Ainda assim, o massacre figura entre os mais letais da história recente do Canadá — país que mantém controle rígido sobre armas de fogo, com exigência de registro, verificação de antecedentes e armazenamento trancado. Desde 2022, há congelamento nacional da posse privada de armas curtas, e um programa de recompra foi lançado após o atentado de 2020 na Nova Escócia, que deixou 22 mortos.

Apesar desse rigor, há um número significativo de proprietários de armas no país, especialmente em áreas rurais. Segundo a RCMP, havia 355.678 licenças de armas na Colúmbia Britânica em 2023, o equivalente a cerca de 6.240 licenças por 100 mil habitantes.

Na noite seguinte ao ataque, centenas de moradores se reuniram na praça central para uma vigília à luz de velas. Fotografias das vítimas foram dispostas aos pés de uma árvore. "Escolas deveriam ser seguras", disse uma funcionária de um restaurante local, defendendo mais controle de acesso ao colégio. O prefeito Darryl Krakowka destacou que conhecia todas as vítimas.

O primeiro-ministro Mark Carney cancelou uma viagem oficial a Munique e declarou que "a nação lamenta" com a comunidade. O Parlamento realizou um minuto de silêncio; a província decretou dia de luto. Em um país que se orgulha de índices baixos de violência armada, o massacre de Tumbler Ridge deixou uma marca profunda. ■

Inaceitável

Trump compartilha vídeo racista que retrata Obama e Michelle como macacos, e não se desculpa por isso

Na madrugada da sexta-feira, 6, o presidente dos Estados Unidos Donald Trump resolveu publicar um vídeo em sua plataforma Truth Social com foco em uma teoria conspiratória sobre as eleições de 2020, que perdeu para o democrata Joe Biden. No final do vídeo, de cerca de um minuto, aparecia por dois segundos uma imagem que retratava o ex-presidente Barack Obama e a ex-primeira-dama Michelle Obama como macacos, com seus rostos sobrepostos a corpos de primatas.

O conteúdo fazia parte de uma montagem maior que apresentava Trump como “rei da selva” e adversários democratas como animais que o reverenciavam. Biden também era retratado como um primata comendo uma banana.

A publicação ocorreu durante o Mês da História Negra nos Estados Unidos e integrou uma sequência de dezenas de postagens feitas por Trump em poucas horas, muitas delas retomando acusações de fraude eleitoral já rejeitadas por tribunais americanos.

A repercussão foi imediata e ultrapassou as divisões partidárias. Pelo Partido Democrata, legenda de Obama e Biden, o líder da minoria na Câmara dos Representantes, Hakeem Jeffries, classificou o episódio como “fanatismo repugnante” e afirmou que todos os republicanos deveriam condenar publicamente a atitude do presidente. A ex-vice-presidente Kamala Harris, derrotada por Trump na eleição de 2024, afirmou que ninguém acreditava na versão de “erro” apresentada pela Casa Branca e disse que o episódio evidenciava “quem Donald Trump é e no que ele acredita”.

O gabinete do governador da Califórnia, Gavin Newsom, crítico de Trump e potencial candidato à Casa Branca em 2028, chamou o episódio de “repugnan-

te”. Ben Rhodes, ex-assessor de segurança nacional e aliado próximo de Obama, foi mais um a criticar a montagem, afirmando que Trump será lembrado como “uma mancha na nossa história”.

Entre republicanos também surgiram críticas. O senador Tim Scott, único senador negro do Partido Republicano, afirmou que se tratava “da coisa mais racista já vista sair desta Casa Branca” e defendeu que o conteúdo fosse removido. O senador Roger Wicker classificou a postagem como “totalmente inaceitável” e declarou que o presidente deveria apagá-la e pedir desculpas.

Organizações da sociedade civil também reagiram. A NAACP (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, na sigla em inglês), uma das mais tradicionais entidades

de defesa dos direitos civis nos Estados Unidos, condenou a publicação e acusou Trump de tentar desviar a atenção pública de investigações relacionadas ao caso Jeffrey Epstein, que teve novo lote de arquivos liberados pelo Departamento de Justiça dias antes. O presidente da entidade, Derrick Johnson, destacou que Obama não aparece nos documentos divulgados, em referência às menções a diversas figuras públicas.

Inicialmente, a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, minimizou o episódio e declarou que se tratava de um “meme da internet”, criticando o que chamou de “falsa indignação”. Horas depois, porém, o governo recuou e atribuiu a postagem a um erro de um membro da equipe presidencial. O vídeo foi removido.

Questionado por jornalistas a bordo do Air Force One, Trump recusou-se a pedir desculpas. Disse que não tinha assistido ao vídeo completo antes de autorizar sua publicação, que apenas viu a parte inicial e que condenava imagens racistas — embora tenha afirmado que não cometeu erro.

Até o momento, Barack e Michelle Obama não se pronunciaram publicamente sobre o caso. **E**

Vídeo com montagem racista envolvendo casal Obama foi postado na rede de Trump



REPRODUÇÃO INSTAGRAM



AL DRAGO/REUTERS

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Pentágono rompe laços com Harvard

O Departamento de Defesa anunciou na semana passada que encerrará todos os vínculos acadêmicos com a Universidade de Harvard a partir do ano letivo de 2026-2027, incluindo formação militar e bolsas. A decisão amplia a ofensiva do governo Donald Trump contra a universidade, acusada de difundir ideologia "woke". O secretário de defesa Pete Hegseth criticou o suposto viés da instituição. Militares já matriculados poderão concluir os cursos, enquanto outras parcerias serão revisadas.



Colômbia

Sequestro de senadora eleva tensão eleitoral

A senadora Aida Quilcué, 53, líder indígena e aliada do presidente Gustavo Petro, foi sequestrada na terça-feira, 10, por 3h30 e libertada após resgate feito por um grupo indígena. O caso ocorre antes das eleições legislativas de 8 de março e das presidenciais de 31 de maio. Petro disse ter escapado de atentado de helicóptero um dia antes do sequestro da senadora. Em 2024, ele já tinha denunciado um plano do narcotráfico para matá-lo.

Peru

Indígenas cobram justiça por abusos sexuais

Líderes Awajún exigem punição para cerca de 800 casos de violência sexual contra menores denunciados desde 2010 na província de Condorcanqui. O escândalo veio à tona em junho de 2024, quando o governo prometeu investigar abusos contra 500 estudantes. Em 2026, já há 19 novas denúncias. Segundo Rosemary Pioc, presidente do Conselho de Mulheres Awajún, até a terça-feira, 10, apenas 111 docentes foram afastados. A comunidade protestará na sexta-feira, 13, diante do Ministério Público de Amazonas.

Reino Unido

Premiê é pressionado após crise instaurada por efeito do caso Epstein

O primeiro-ministro Keir Starmer está sob pressão desde os últimos efeitos do caso Jeffrey Epstein, que teve nova leva de documentos liberados recentemente. A crise se deve ao vínculo de Peter Mandelson - que era embaixador em Washington até setembro passado - com Epstein, morto em 2019. O lote revelado agora mostra que a conexão de Mandelson com o financista era mais profunda do que se imaginava. No domingo, 8, o chefe de gabinete do premiê, Morgan McSweeney, renunciou por ter recomendado, em dezembro de 2024, a nomeação de Mandelson. No dia seguinte, o diretor de comunicação Tim Allan também saiu. Starmer sofre pressão para renunciar.



Portugal

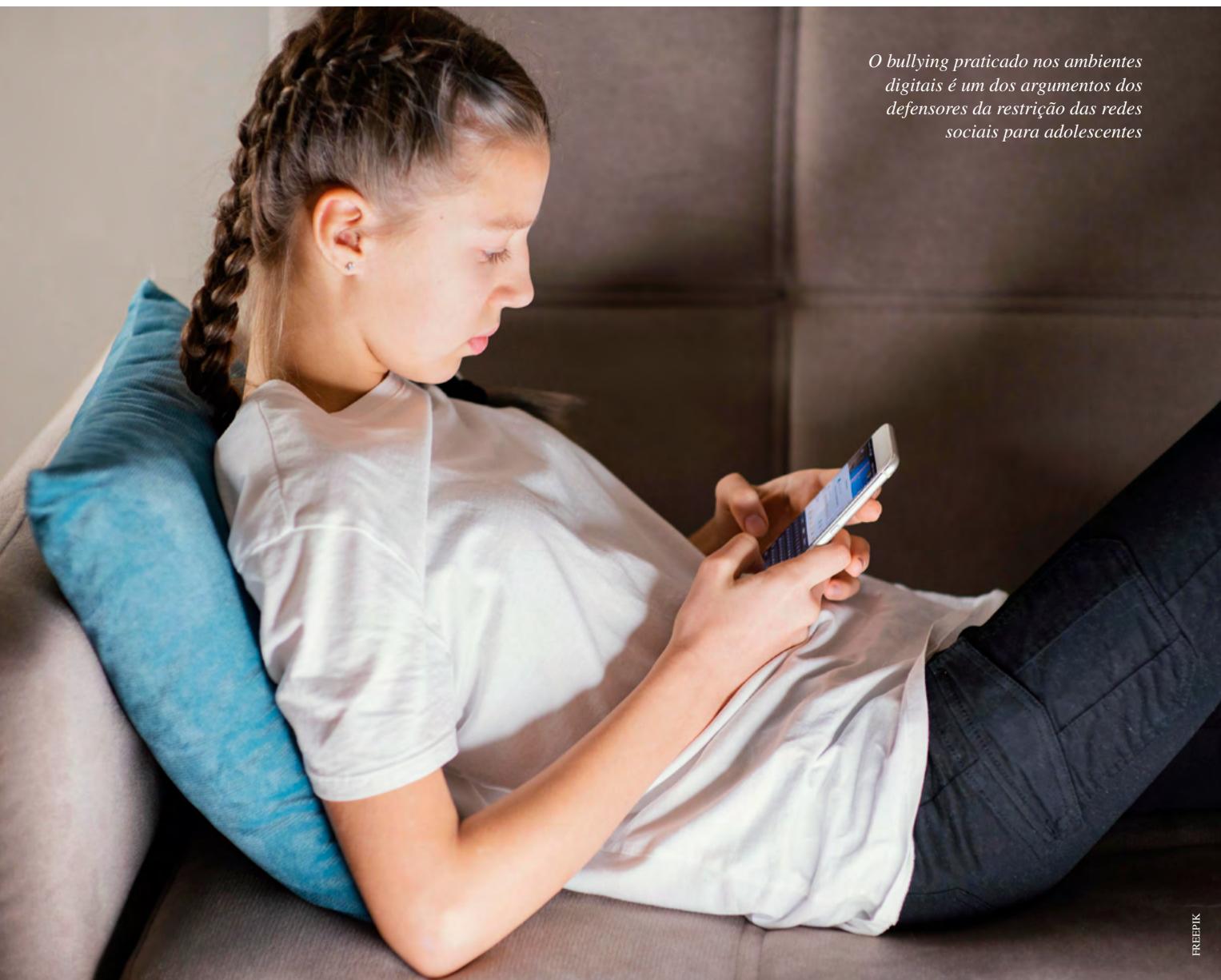
Socialista vence eleição presidencial no 2º turno

O socialista António José Seguro, 63, foi eleito presidente da República no domingo, 8, com 64% dos votos no segundo turno, derrotando o deputado de extrema-direita André Ventura, 43, líder do Chega, partido que defende uma política anti-imigração. Ex-comentarista esportivo, Ventura obteve 36% dos votos. O resultado confirmou pesquisas de boca de urna. O mandato é de cinco anos.

Japão

Coalizão governista alcança maioria no Parlamento

A primeira-ministra Sanae Takaichi e o Partido Liberal Democrático (PLD) venceram as eleições para Câmara de Representantes no domingo, 8, que foram antecipadas após dissolução do Parlamento em janeiro. A legenda liderou uma coalizão com o Partido da Inovação do Japão. O PLD fez 328 assentos de um total de 465. É o melhor desempenho do partido desde 2017, no governo de Shinzo Abe, assassinado em 2022.



O bullying praticado nos ambientes digitais é um dos argumentos dos defensores da restrição das redes sociais para adolescentes

Acesso bloqueado

Propostas de restrições às redes sociais para adolescentes, em nome da saúde mental dos jovens, ganham força pelo mundo — e a onda já chegou ao Brasil

Alessandro Martins e Lena Castellón

“Comece a praticar um novo esporte, um novo instrumento. Aproveite ao máximo as férias escolares em vez de passá-las no celular”. As palavras de Anthony Albanese, primeiro-ministro da Austrália, deram o pontapé inicial na proibição do acesso a redes sociais por menores de 16 anos no país, medida que passou a valer no dia 10 de dezembro. A iniciativa australiana, pioneira nesse tipo de restrição, vem impactando o mundo e inspira outros movimentos em diferentes partes do planeta, inclusive no Brasil.

Muito antes da implementação da regra, autoridades australianas buscaram entender como o ecossistema digital afetava adolescentes e crianças australianas. Por meio de uma pesquisa comissionada, o óbvio foi constatado: 3 em 4 delas (74%) afirmaram que viram ou ouviram conteúdo nocivo online, enquanto mais da metade (53%) relatou já ter sofrido cyberbullying.

Há cerca de dois meses, YouTube, Instagram, TikTok e outras sete plataformas foram obrigadas a apresentar medidas para atender à nova legislação, sob multa de quase 50 milhões de dólares australianos (em torno de R\$ 180 milhões). Contrárias ao banimento, as empresas avisaram que cumpririam as exigências, e algumas até divulgaram o

resultado da “limpa” por conta própria: em janeiro, a Meta anunciou a remoção de mais de 500 mil contas de adolescentes no Instagram, Facebook e Threads.

Em atualização mais recente, a Comissão de Segurança Online da Austrália (eSafety Commissioner) afirmou que quase cinco milhões de contas espalhadas por diversas redes sociais foram desativadas.

“Hoje, podemos anunciar que [a proibição] está funcionando. Essa ação é motivo de orgulho para os australianos. A nossa legislação está sendo observada por todo o mundo”, comemorou o premiê.

A afirmação encontra respaldo principalmente na Europa. Enquanto Espanha e Grécia fazem planos, a França já deu o primeiro passo rumo à nova tendência, aprovando no dia 26 de janeiro, na Assembleia Nacional um projeto de lei que proíbe o acesso às redes para menores de 15 anos. O texto está em análise no Senado. A expectativa dos parlamentares é que, se aprovada, a nova regra possa entrar em vigor antes do início do ano letivo, em setembro.

Como sinal de que esse movimento ganha mais força, a União Europeia (UE) divulgou nesta semana o seu Plano de Ação contra o Cyberbullying, destinado à proteção da integridade e

da saúde mental dos jovens em ambientes online. O bullying digital é um dos argumentos dos defensores da restrição das redes para adolescentes.

Baseando-se em estudos sobre o tema, além do feedback direto de mais de seis mil crianças, o plano pretende rever e atualizar a Lei dos Serviços Digitais (DSA), regulamento do bloco que estabelece regras rigorosas para plataformas online.

A UE quer fornecer soluções modernas para combater o problema, como um aplicativo de denúncias que se conecta diretamente a linhas de apoio nacionais dos Estados-Membros, visando formar uma espécie de “linha de frente” de coleta de dados sobre cyberbullying.

“Crianças e jovens têm o direito de estar seguros quando estão online. O plano complementa o nosso conjunto de ferramentas existentes para proteger menores, juntando a UE e Estados-Membros no desenvolvimento de uma abordagem coordenada no combate ao bullying virtual”, declarou Henna Virkkunen, vice-presidente executiva de Soberania Tecnológica e Segurança da União Europeia.

Entre as propostas do bloco também está um inquérito massivo para avaliar o impacto das redes sociais na saúde psicológica dos jovens. Sobre eventual proibição do acesso de adolescentes, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou, em dezembro, no Discurso do Estado da União, que seria montado um painel de especialistas para estudar a melhor abordagem para o continente. “Abordaremos essa questão com cautela e ouvindo todos. E, em todo esse trabalho, seremos guiados pela necessidade de capacitar os pais e construir uma Europa mais segura para nossas crianças”, disse.

O departamento de comunicação da Comissão Europeia informou que as recomendações desse grupo de especialistas estão sendo esperadas para o verão (a partir de junho). “O painel garantirá que iremos receber o melhor aconselhamento disponível sobre uma abordagem europeia coordenada para a definição de limites etários.

O grupo também orientará sobre formas de capacitar os pais a proteger seus filhos na internet. Todos têm um papel a desempenhar”, informou o órgão.

Albanese, premiê da Austrália, incentivou adolescentes a deixarem o celular



JEREMY PIPER/REUTERS

Júri popular

Longe da Europa, iniciou-se nesta segunda-feira, 9, um julgamento histórico que passa por essa discussão: a proteção dos jovens. Em Los Angeles, uma garota de 20 anos está acusando a Meta e o YouTube de criarem plataformas viciantes, definindo-as como “casinos digitais”. A ação afirma que a jovem, identificada apenas pelas iniciais K.G.M., desenvolveu transtornos psicológicos como depressão e dismorfia corporal após o uso frequente das redes sociais, que começou aos seis anos.

“Eles não querem usuários, querem viciados”, afirmou um dos advogados durante a abertura do julgamento. O processo conta com um ineditismo no caso de ações contra as big techs: envolve um júri popular.

Da análise até a decisão, o processo inteiro deve durar entre seis e oito semanas, com direito a depoimentos do CEO do YouTube, Neal Mohan, e do todo-poderoso Mark Zuckerberg, fundador do Facebook e dono da Meta.

Antes, K.G.M. também moveu ação contra o TikTok e o Snapchat, mas as companhias entraram em acordo com a jovem antes de se iniciar o julgamento.

Há pelo menos outros oito casos agrupados no mesmo tribunal, um recado muito claro para as big techs: a conta chegou.

“Adolescentes ainda não possuem um desenvolvimento completo do córtex pré-frontal, parte do cérebro que permite autorregulação, autocontrole. O bullying e exposição a conteúdo nocivo tornam crianças e adolescentes vulneráveis a riscos psicológicos graves”, explica Claudia Costin, pedagoga e ex-secretária da educação do Rio de Janeiro.

Em terras brasileiras, entra em cena o ECA Digital: uma atualização do Estatuto da Criança e do Adolescente que reúne um pacote de regras para que jovens acessem ambientes digitais com mais segurança.

Sancionada no fim de 2025, a lei vai endurecer, a partir de março, as regras para verificação de idade em contas de redes sociais. Crianças e adolescentes agora precisarão se identificar, e menores de 16 anos terão de vincular suas contas às de um adulto responsável.

O uso de algoritmos nocivos também passa a ser proibido. Segundo o

ECA Digital, eles maximizam engajamento por meio de conteúdos perigosos, como os que promovem adulteração precoce. Plataformas digitais devem, além de remover conteúdos ilegais instantaneamente, limitar a exposição de menores a recomendações algorítmicas de alto risco. E as empresas não podem usar aprendizado de máquina para perfilar o comportamento de jovens, que costumam ter seus dados utilizados em estratégias de marketing e engajamento.

E há outros perigos ligados a essa dinâmica das redes. “O algoritmo funciona dando o que a criança gosta, mais e mais. Existe essa lógica supostamente positiva de dar mais, mas isso não deixa que esses jovens experimentem a falta, a espera, a frustração, o que pode prejudicar o desenvolvimento deles. O tédio está na base da criatividade”, explica a psicanalista Adela Stoppel, uma das autoras do livro “Intoxicações Eletrônicas”, que analisa os efeitos do ambiente digital em menores de idade.

As medidas do ECA Digital são suficientes para garantir o bem-estar dos adolescentes? Para o deputado federal Renan Ferreirinha (PSD-RJ), o Brasil

precisa surfar na onda mundial se quiser conter a avalanche de efeitos negativos das redes sociais. Ele é o autor do Projeto de Lei 330/2026, que altera o estatuto para seguir a tendência da Austrália, proibindo o uso para menores de 16 anos.

“O ECA Digital foi um grande avanço que tivemos no país, mas ele não estabelece uma idade mínima de proibição [de acesso às redes]. O nosso PL é baseado no modelo que outros países estão fazendo”, explicou.

Ele apresentou o PL no dia 5 deste mês e se licenciou na sequência para assumir a secretaria de educação da cidade do Rio de Janeiro. A capital fluminense foi pioneira em banir celulares nas escolas, e viu os indicativos de aprendizado dispararem desde a implementação. Segundo Ferreirinha, se a medida for aprovada – algo em que aposta em virtude da adesão que alegou perceber entre os parlamentares –, não será difícil implementá-la, cabendo às big techs se adaptarem à proibição. “Estamos dando a oportunidade dessas empresas refazerem a sua abordagem sobre esse tema. Não falta tecnologia para isso se tornar uma realidade”.



Discord

ROBLOX

Descontrole no Roblox e Discord

O Roblox começou com uma ideia simples: permitir que crianças e adolescentes expressassem sua criatividade online. Ali, usuários podiam interagir em grupos, decorar seus avatares e participar dos milhares de jogos.

Os primeiros sinais de descontrole vieram na fatura dos cartões dos pais: uma epidemia de crianças gastando o dinheiro da compra do mês em itens do jogo, sem nenhum sistema que reconhecesse que aquela transação não estava sendo feita por um maior de idade. Relatos de bullying e assédio contra menores não demoraram a aparecer e até viraram noticiário policial. O monstro cresceu.

E cresceu também no Discord, que começou como um simples aplicativo de comunicação, uma modernização de softwares com interface ultrapassada. Em um ambiente onde muitos se encontravam para jogar em grupo, dar risada e aliviar os efeitos do isolamento social, outros se identificavam por motivos menos nobres. Formavam grupos que passaram a exercer poder, nada diferente do que aconteceria em uma escola sem monitoramento.

Figuras de poder em grupos virtuais também são capazes de exercer controle físico, especialmente sobre crianças e adolescentes. E surgiram casos de grupos de tortura e de compartilhamento de conteúdo sensível. Assim, a ideia original do Discord foi desfigurada.

Para conter o incêndio, as duas empresas anunciaram, no início do mês, novas medidas de segurança e de identificação de idade. No Roblox, um sistema de reconhecimento facial com uso de IA já está no ar, ajudando a determinar a idade dos usuários antes de dividi-los em ambientes com interações limitadas aquela faixa etária. Não demorou para usuários utilizarem as redes sociais para reportar falhas no sistema implementado, com adolescentes de 15 anos sendo classificados como adultos. Alguns usaram filtros e maquiagem para burlar o sistema, que no fim das contas é liderado por humanos. A reportagem questionou a empresa sobre possíveis aprimoramentos na tecnologia, mas não obteve resposta.



REPRODUÇÃO/WORLD BANK

Claudia Costin: conteúdos nocivos causam riscos psicológicos graves em adolescentes

O deputado federal Mauricio Neves (PP-SP) também apresentou um projeto de lei que restringe o acesso de menores as redes, o que fez na mesma época de Ferreirinha. Neves pede rapidez na aprovação do PL 303/2026. “Muitos países já estão enfrentando esse debate. Queremos que a sociedade brasileira também discuta os impactos do vício [nas redes] e da exposição precoce de crianças e adolescentes” diz.

O que dizem as empresas

Procurada pela reportagem para falar sobre seu posicionamento diante desse movimento, a Meta afirmou que trabalha para “oferecer experiências seguras e positivas para os jovens” e disse que apoia leis que habilitem os pais a aprovar o download de aplicativos por adolescentes, em linha com o que prevê o ECA Digital. Quanto às medidas de restrição que estão sendo discutidas mundo afora, a companhia ressaltou que é importante que os proponentes de leis regulatórias de banimentos tenham “cautela para não acabar levando os jovens para espaços menos seguros e não regulamentados”. A Meta declarou que adolescentes usam cerca de 40 aplicativos por semana. “Focar a regulação em apenas algumas empresas não será suficiente para mantê-los seguros”.

O TikTok afirmou que a plataforma é para maiores de 13 anos e que possui regras rígidas para usuários de até 15. “Se algum usuário com idade abai-

xo for descoberto, a conta é banida”, disse a empresa, em nota. A empresa alegou também que jovens de 13 a 15 anos não têm seus vídeos recomendados no feed “Para Você” e não podem mandar ou receber mensagens diretas. Atualmente, o TikTok não conta com nenhum método de detecção de idade no Brasil, mas já faz testes com novas tecnologias na Europa.

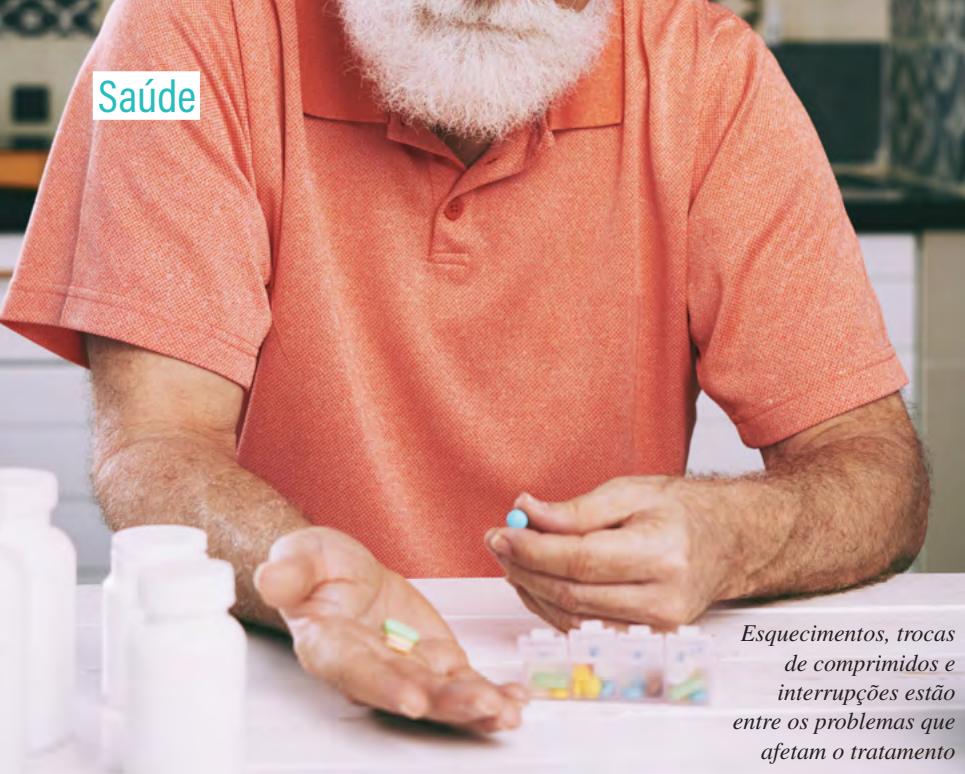
Por sua vez, o YouTube respondeu que já desenvolve ferramentas para garantir a segurança dos usuários mais jovens (a partir de 13 anos). “Passamos a usar aprendizado de máquina para limitar recomendações repetidas de vídeos que podem ser inócuos como um único vídeo, mas problemáticos para alguns adolescentes se visualizados repetidamente. E, atualmente, estamos implementando inteligência artificial para nos ajudar a estimar a idade de um espectador, de forma a distinguir entre pessoas mais jovens e adultos”.

A big tech indicou razões que mostrariam porque banir ou restringir o YouTube por idade seria contraproducente: diretrizes mal elaboradas tornam o ambiente menos seguros para os jovens, “nem todas as plataformas são iguais” e regulamentação baseada em evidências é “um caminho melhor”. Com isso, defendem controles parentais, a adoção de ferramentas de estimativa de idade que preservam a privacidade e a definição de padrões claros de conteúdo. ■



ACERVO PESSOAL

Adela: lógica do algoritmo não deixa que jovens experimentem a frustração



Esquecimentos, trocas de comprimidos e interrupções estão entre os problemas que afetam o tratamento

FREEPIK

Tomou o remédio?

Dispositivo inteligente criado no Brasil monitora se idoso realmente consumiu o medicamento

O envelhecimento acelerado da população brasileira impõe um desafio crescente ao sistema de saúde: garantir que pacientes idosos sigam corretamente tratamentos muitas vezes complexos, com múltiplas medicações e horários rigorosos. Esquecimentos, trocas de comprimidos ou interrupções indevidas estão entre as principais causas de complicações clínicas e internações evitáveis na terceira idade.

Com o objetivo de enfrentar esse problema, Fernando Bizerra, farmacêutico com doutorado na área de saúde pela Unifesp, criou um organizador inteligente, com placa eletrônica e sensores, que é capaz de monitorar a efetiva ingestão do remédio. O dispositivo parece simples, mas é conectado a um aplicativo que avisa aos cuidadores se o medicamento está sendo consumido adequadamente. Desenvolvido pela Renovatio Med, startup lançada por Bizerra, o projeto do organizador inteligente teve apoio da Fapesp dentro do programa Centelha.

O dispositivo, que fica conectado ao wi-fi, permite organizar os remédios

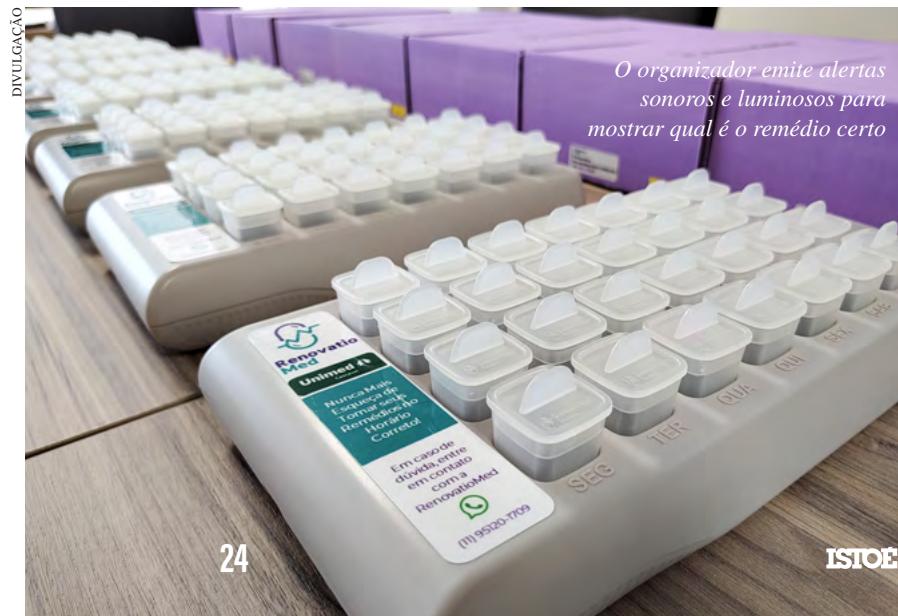
da semana (de segunda a domingo) em até quatro horários diferentes no dia. Diferentemente de alarmes tradicionais, que apenas emitem um alarme, o novo sistema sinaliza com luz verde o remédio para ser tomado no horário programado, além de dar o alerta sonoro. Os comprimidos são alojados em compartimentos separados. Com isso,

o equipamento também emite uma luz de tom vermelho se o paciente se confundir com a caixa e tentar pegar o medicamento de outro compartimento.

Se o remédio não for tomado, isso é notificado pelo aplicativo da Renovatio Med instalado nos celulares dos responsáveis pelo idoso. Desse modo, eles podem fazer a gestão do uso dos medicamentos e isso também pode basear mudança nos tratamentos, se o profissional de saúde, ao avaliar a constância, verificar que é preciso alterar doses.

Com bateria de quatro a oito horas de duração, o organizador inteligente se mantém funcionando em caso de queda de energia. Para alterar a rotina dos remédios, é preciso modificar as informações na plataforma da Renovatio Med. E, se houver dúvidas, há uma equipe de suporte para os cuidadores e responsáveis pelo idoso.

A startup não vende o equipamento. Ele oferece o serviço via planos mensais ou anuais, o que inclui o atendimento online – que pode reconfigurar o planejamento de medicamentos na semana. A proposta da Renovatio em oferecer esse sistema é fornecer uma camada adicional de segurança sem comprometer a autonomia do paciente. A família pode acompanhar remotamente o cumprimento do tratamento, enquanto o idoso mantém independência no dia a dia. Em um país que envelhece rapidamente e enfrenta desigualdades no acesso ao cuidado, soluções tecnológicas, de fato, tendem a ganhar protagonismo. ■



O organizador emite alertas sonoros e luminosos para mostrar qual é o remédio certo

US\$ 2 milhões para salvar jumentos no Brasil

Pesquisa desenvolve solução de biotecnologia para preservar população desses animais, ameaçada pelo consumo de um produto da medicina chinesa feito a partir da pele do jegue

Bruno Pavan

A medicina tradicional chinesa está levando à dizimação de jumentos brasileiros. Isso porque o colágeno extraído da pele desses animais tem um grande valor medicinal na visão dos chineses. A demanda dos produtos com base nessa substância proteica está entre os principais redutores da população de jegues do país, fazendo parte de uma cadeia que envolve crueldade com a espécie e falta de regulamentação.

Por trás disso, está o chamado “ejiao”, um produto extraído da pele do ju-

mento que pode ser usado para diversos medicamentos na China, um mercado que pode chegar a US\$ 1,9 bilhão, para horror dos ativistas de direitos animais. No entanto, há uma desregulação nos abates desses bichos pelo mundo. O que liga o alerta também para essa indústria: vai faltar plantel.

Pensando nesse quadro, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a pedido do Ministério do Meio Ambiente, começaram a pesquisar um modo de conseguir produzir o colágeno de jumento de forma sintéti-

ca, sem que seja necessário o abate dos animais. “A exploração atual de jumentos é um beco sem saída fundamentalmente porque ela não se baseia em uma cadeia produtiva organizada, mas sim no extrativismo predatório. Cinquenta e cinco países africanos baniram recentemente a venda de pele de jumentos numa tentativa de evitar a extinção da espécie. Isso pressiona outros mercados, como o brasileiro, mas a lógica permanece a mesma: sem produção organizada, o recurso é finito”, explica a pesquisadora Carla Molento, PhD pela Universidade McGill, no Canadá, e coordenadora do Laboratório de Zootecnia Celular da UFPR.

A medicina chinesa milenar utiliza outras matérias-primas extraídas de diferentes espécies animais, como chifres e até pedras na vesícula de bois para a confecção de remédios usados em tratamentos de saúde. O ejiao tra-



Na África, 55 países já baniram a venda de pele de jumento.

Isso pressiona outros mercados, como o brasileiro



ratório da universidade. Para aplicação industrial, precisamos de financiamento a fim de instalar biorreatores maiores e testar a produção em escala piloto”, argumenta.

População de jumentos despencou no Brasil

O Brasil tem cerca de 78 mil jumentos, segundo estimativa da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), o IBGE e a plataforma Agrostat. Os dados se referem a 2025.

De origem africana, o jegue – como também é conhecido no país – é um asinino, e não um muar, como alguns podem pensar. Jumentos são da espécie *Equus asinus*. Os muares (mulas e burros) são a descendência infértil desse bicho no cruzamento com o cavalo. Eles estão presente nas Américas, Europa, Ásia e no Oriente Médio. A Etiópia é o país com a maior população no mundo, com mais de 10 milhões de animais.

A mesma pesquisa também mostra que a população de jumentos no Brasil despencou 94% entre 1996 e 2024. “De cada 100 jumentos que existiam há 30 anos, hoje restam apenas seis”, afirma Patricia Tatemoto, PhD em ciências, com ênfase em medicina veterinária preventiva e saúde animal pela USP, e coordenadora da organização The Donkey Sanctuary no Brasil. Essa entidade atua pelo mundo pela preservação da espécie. ■

dicionalmente é usado em tratamentos para nutrir o sangue, melhorar a pele e a fertilidade.

Biotecnologia como saída

Fomentado pela Fundação Araucária, agência de fomento à pesquisa do estado do Paraná, o trabalho da UFPR quer utilizar a biotecnologia para produzir o colágeno de jumento. Carla observa que o processo é parecido com a da fabricação de cerveja ou de um pão. Isso quer dizer que o DNA do jumento será inserido em uma levedura que vai se multiplicar. Após isso, os especialistas vão separar uma parte desse material genético para a elaboração do colágeno sintético.

“Todo organismo produz proteínas baseadas em seu código genético. Então, nós isolamos a parte específica do DNA do jumento que codifica o colágeno e a utilizamos como uma espécie de forma. Ao final do ciclo, em vez de processar a pele do jumento, nós separamos o colágeno diretamente da massa de levedura. O resultado é uma molécula idêntica à produzida pelas células do animal, mas obtida de forma muito mais pura e sem a necessidade de abater o jumento”, explica a pesquisadora.

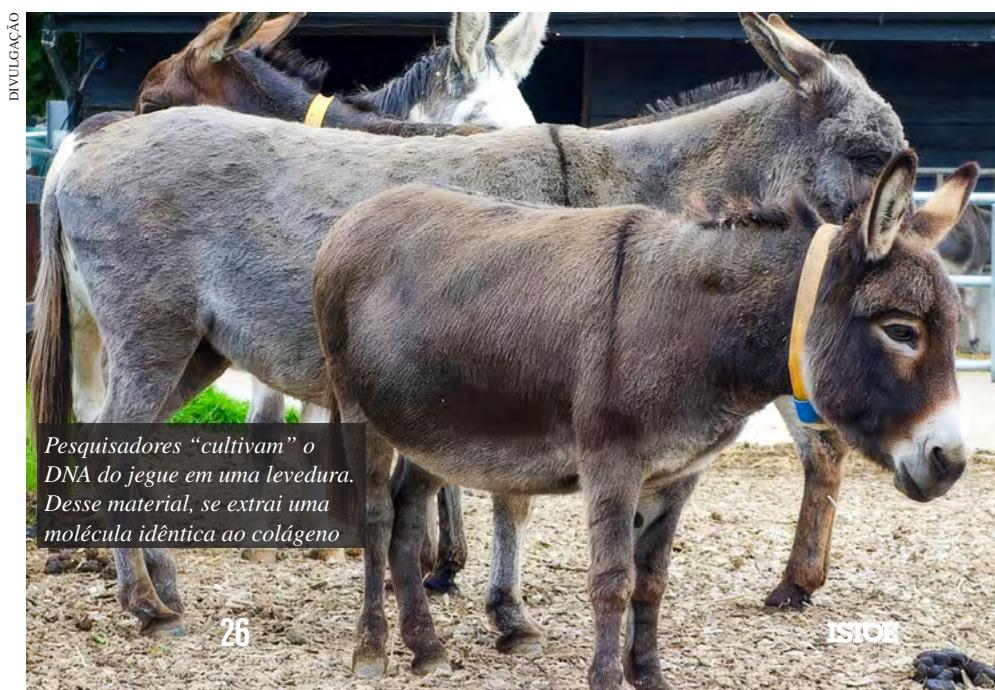
A ideia é que esse material possa ser comercializado para as empresas processarem esse novo colágeno e vendêrem o produto para a China.

Carla afirma que, além de evitar o sacrifício da população de jumentos e, assim, preservar a espécie, há ganhos práticos na escala desse processo via

laboratório. A cadeia de fabricação dos medicamentos chineses seria muito mais rápida do que ela é hoje. E o mercado teria em mãos um produto mais puro.

“Do ponto de vista produtivo, é muito mais eficiente investir em fermentação de precisão do que em fazendas de jumentos. Em um galpão, com alguns biorreatores, é possível produzir uma quantidade muito maior de proteína, com menos insumos e sem o abate”, esclarece Carla.

No entanto, para a produção conseguir sair do laboratório da universidade e se tornar viável para a grande indústria, os pesquisadores estão buscando um financiamento de US\$ 2 milhões. “Hoje trabalhamos com pequenas quantidades, em um ambiente de labo-



38°C

AR
B
O
A

O Brasil está entre os cinco países que terão mais elevação na temperatura a ponto de atingir o calor extremo

A ameaça do calor extremo

O mundo não está preparado para o aumento drástico da temperatura; este janeiro foi o quinto mais quente da história, apesar da severa onda de frio na porção norte do planeta

Observatório europeu Copernicus revelou que, em termos globais, o mês de janeiro que passou está entre os cinco mais quentes desde o início dos registros, em 1940. Tudo isso apesar da severa onda de frio que atinge o hemisfério norte. O relatório apontou que a elevação sobre a média do período 1991-2020 foi de 0,51°C.

“Janeiro de 2026 nos recordou de forma contundente que o sistema climático pode gerar simultaneamente tempo muito frio em uma região e calor extremo em outra”, declarou, em comunicado, Samantha Burgess, vice-diretora do serviço de mudança climática do Copernicus, citada no comunicado.

Segundo o Copernicus, o hemisfério sul registrou recorde de calor e incêndios em janeiro, com ocorrências

na Austrália, no Chile e na Patagônia. Também em regiões frias, como a Gronlândia, foi observado o aumento na temperatura. No Ártico, a extensão média do gelo marinho em janeiro ficou 6% abaixo da média, a terceira mais baixa já registrada para o mês.

Ao mesmo tempo, no continente europeu, janeiro foi o mais frio registrado desde 2010, com a temperatura média de -2,34°C nas zonas terrestres. No Japão, fortes nevadas mataram ao menos 46 pessoas nas últimas semanas. Ondas geladas também atingiram os Estados Unidos, a tal ponto que provocaram comentários irônicos do presidente norte-americano Donald Trump, questionando o que aconteceu com o aquecimento global. A ciência explica: o mundo está aquecendo devido à

queima de combustíveis fósseis, e isso não significa que não haverá dias frios. Um estudo recentemente publicado na revista *Nature Sustainability*, conduzido por cientistas da Universidade de Oxford, indica que o quadro está para se agravar, o que vai obrigar países a se adaptarem aos novos tempos.

De acordo com esse trabalho, quase 3,8 bilhões de pessoas podem enfrentar calor extremo até 2050, caso o mundo atinja 2,0°C de aquecimento global acima dos níveis pré-industriais — um cenário que cientistas do clima consideram cada vez mais provável.

Se isso ocorrer, República Centro-Africana, Nigéria, Sudão do Sul, Laos e Brasil estarão entre os mais afetados por um aumento drástico na demanda por refrigeração, pela ordem. Ou seja,

no continente americano, o Brasil irá experimentar a maior elevação na temperatura. As maiores populações afetadas por esse grau perigoso de calor estarão na Índia, Nigéria, Indonésia, Bangladesh, Paquistão e Filipinas. E haverá um aumento moderado no número de dias desconfortavelmente quentes em países acostumados a invernos rigorosos, como Canadá, Rússia e Finlândia.

Isso pode parecer bom, se analisado apenas pela redução da conta de energia em função do menor uso do ar-condicionado, mas demandará adaptações para o transporte público, que não tem refrigeração adequada para dias muito quentes.

O estudo avalia quanto uma região irá precisar de energia para aquecer ou para resfriar ambientes ao longo do ano. Diante dos resultados, os pesquisadores apontam que “a população que enfrenta condições de calor extremo deve quase dobrar” até 2050.

Em 2010, o percentual de pessoas expostas a esse quadro agudo de dias quentes era de 23%. Em 2030, as estimativas apontam que será de 34%. E, em 2050, o índice atingirá 41%.

É importante que os países se preparem imediatamente porque a crise começará a se instalar antes. O autor principal da pesquisa, Jesus Lizana, professor associado de engenharia, afirmou que “a maior parte das mudanças na demanda por resfriamento e aquecimento ocorre antes de atingir o limite de 1,5°C, o que exigirá a implementação antecipada de medidas significativas de adaptação. Por exemplo, muitas residências poderão precisar instalar ar-condicionado nos próximos cinco anos”.

Entre as estratégias para que a população fique mais protegida estão o ar-condicionado sustentável e resfriamento passivo – técnica de arquitetura e engenharia que reduz a temperatura de edifícios e equipamentos sem consumir energia elétrica, utilizando apenas recursos naturais como ventilação, sombreamento e materiais isolantes.

A exposição prolongada ao calor extremo sobrecarrega os sistemas naturais de resfriamento do corpo. Entre os sintomas estão tontura, dores de cabeça e, nos níveis mais fortes, falência de órgãos e morte. A maioria dos casos

letais por calor ocorre de forma gradual, à medida que altas temperaturas e outros fatores ambientais atuam em conjunto para desestabilizar o termostato interno do corpo.

De fato, as mudanças climáticas estão tornando as ondas de calor mais longas e intensas, e o acesso à refrigeração – especialmente ao ar-condicionado – será vital para o futuro das populações, o que torna as classes sociais menos favorecidas as principais vítimas das temperaturas extremas.

Para Radhika Khosla, professora associada da Smith School of Enterprise and the Environment e líder do Oxford Martin Future of Cooling Programme, os resultados da pesquisa devem servir como alerta.

“Ultrapassar 1,5°C de aquecimento terá um impacto sem precedentes em tudo, da educação e saúde à migração e agricultura. O desenvolvimento sustentável com emissões líquidas zero continua sendo o único caminho estabelecido para reverter essa tendência de dias cada vez mais quentes. É imperativo que os políticos retomem a iniciativa nessa direção”, acrescentou. ■



Quem vai brilhar?

Do retorno de veteranas a estreias aguardadas, musas como Sabrina Sato e Virgínia movimentam o Carnaval 2026 com histórias de tradição e renovação

Letícia Sena

O Carnaval de 2026 reafirma o papel das celebridades femininas como protagonistas de um espetáculo que vai muito além do entretenimento. Nas quadras, ensaios técnicos e, principalmente, na Marquês de Sapucaí, rainhas de bateria, musas e destaque especiais ajudam a contar histórias, reforçar identidades culturais e aproximar o grande público das escolas de samba. Entre nomes consagrados e estreantes, a temporada deste ano reúne influenciadoras digitais, atrizes, cantoras e personalidades que carregam forte presença midiática e também responsabilidade dentro das agremiações.

Entre os destaques está Virginia Fonseca, que fará sua estreia como rainha de bateria da Grande Rio. A influenciadora assumiu o posto após a saída de Paolla Oliveira, que ocupou a posição por sete carnavais. A coroação de Virginia foi recebida com grande repercussão e simboliza o movimento das escolas em dialogar com novas gerações e ampliar alcance nas redes sociais, sem abrir mão da tradição do samba.

Confira a história de cada uma dessas mulheres no Carnaval, mostrando trajetórias, desafios e a relação delas com as comunidades das escolas.

Iza (Imperatriz Leopoldinense)

Após três anos afastada, Iza retornou ao posto de rainha de bateria da Imperatriz Leopoldinense. A cantora havia desfilado pela escola entre 2020 e 2022, mas precisou deixar o cargo devido à dificuldade de conciliar a agenda profissional com as demandas da função.

O retorno foi anunciado em abril do ano passado. Criada em Ramos, bairro da Zona Norte do Rio onde fica a sede da Imperatriz, a artista mantém uma ligação afetiva com a escola.

Nas redes sociais, onde soma mais de 21 milhões de seguidores, Iza compartilha registros dos ensaios e da preparação para o desfile. Em 2026, a Imperatriz leva para a avenida o enredo “Camaleônico”, em homenagem a Ney Matogrosso, destacando sua trajetória artística e suas transformações estéticas ao longo da carreira.

FOTOS: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



Juliana Paes

Juliana Paes (Viradouro)

Juliana Paes voltou ao posto de rainha de bateria da Viradouro após 17 anos. A atriz ocupou a função entre 2004 e 2008. Até o último carnaval, o cargo era de Erika Januza.

Segundo Juliana, o convite para retornar partiu de Mestre Ciça, responsável pela bateria da escola e homenageado no enredo da Viradouro. A trajetória do mestre no Carnaval, incluindo passagens por outras agremiações, é um dos pontos centrais do desfile.

Ao anunciar o retorno à escola pelas redes sociais, onde reúne mais de 30 milhões de seguidores, Juliana destacou a emoção de desfilar novamente pela agremiação.

Lore Improta (Viradouro)

Mesmo grávida de seis meses de seu segundo filho, Lore Improta manteve seu posto como musa da Viradouro para o Carnaval 2026. A dançarina e influenciadora, que possui uma forte ligação com a atual campeã do Rio de Janeiro, adaptou sua rotina de preparação física para conciliar a gestação com a energia exigida na Sapucaí.

O anúncio de que desfilaria grávida foi recebido com entusiasmo pelos fãs e pela comunidade de Niterói. Nos ensaios técnicos realizados em fevereiro, Lore roubou a cena ao exibir a barriga e demonstrar samba no pé, reafirmando seu compromisso com a agremiação mesmo em um momento especial de sua vida pessoal.

Com mais de 16 milhões de seguidores no Instagram, a artista compartilha os bastidores da confecção de sua fantasia e a rotina dividida entre o Rio e o Carnaval de Salvador.

Iza

Lore Improta



Sabrina Sato

FOTOS: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



Virginia Fonseca

Mileide Mihaile (Unidos da Tijuca)

Natural do Maranhão, Mileide Mihaile estreia como rainha de bateria da Unidos da Tijuca no Carnaval de 2026. No ano anterior, a escola optou por não ter rainha como forma de homenagem à cantora Lexa, que ocupava o posto desde 2020 e vivia um momento delicado após a perda da filha.

Mileide já possui experiência no Carnaval. Ela foi musa da Grande Rio por oito anos e, depois, rainha de bateria da Independente Tricolor, em São Paulo, entre 2022 e 2024.

A Unidos da Tijuca apresenta um enredo sobre Carolina Maria de Jesus, autora de “Quarto de Despejo”. O desfile destacará sua trajetória como artista e símbolo cultural. Nos ensaios técnicos, Mileide utilizou figurinos com referências à escritora, incluindo um look feito com páginas de livros.

Nas redes sociais, onde reúne cerca de 5,5 milhões de seguidores, a influenciadora tem mostrado a preparação para o desfile e reforçado a dedicação à estreia na avenida.

Sabrina Sato (Vila Isabel)

Parte da Vila Isabel há cerca de 16 anos, Sabrina Sato construiu uma relação sólida com a escola da Zona Norte do Rio. No início de fevereiro, a apresentadora comemorou seus 45 anos ao lado de familiares, amigos e integrantes da bateria da agremiação, em uma festa realizada em Santa Teresa.

Há mais de duas décadas, a paulista vive o carnaval intensamente, dividindo a rotina entre ensaios técnicos, barracões e o convívio com as comunidades do samba — experiência que também aparece no programa “Carnaval da Sabrina”, do GNT.

No desfile desta terça-feira, na Marquês de Sapucaí, Sabrina entra na avenida pela Azul e Branco em um enredo que homenageia o multiartista Heitor dos Prazeres. A apresentação traz referências às origens e à formação das escolas de samba. Nos ensaios técnicos, essas inspirações já apareceram nas fantasias da rainha, com elementos ligados às cores da bandeira brasileira.

Virginia Fonseca (Grande Rio)

Com mais de 54 milhões de seguidores nas redes, Virginia foi anunciada em maio passado como nova rainha de bateria da Acadêmicos do Grande Rio. É a sua estreia oficial no Carnaval carioca e acontece após a saída de Paolla Oliveira, que deixou o posto em 2025.

Desde o anúncio, Virginia esteve no centro de debates e críticas, principalmente sobre sua preparação para a função. Para assumir o posto, a influenciadora passou a fazer aulas de samba e estudar a dinâmica da avenida.

Em 2026, a Grande Rio apresenta um enredo inspirado no movimento Manguebeat, surgido em Recife nos

anos 1990. A proposta cria paralelos culturais entre Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, e a capital pernambucana, destacando histórias marcadas pela resistência cultural.

Viviane Araújo (Salgueiro)

Viviane segue como um dos nomes mais tradicionais do Carnaval carioca. Com 30 anos de avenida, ela é a rainha de bateria do Salgueiro há 18 anos, mantendo forte ligação com a comunidade e com a história da escola.

O enredo do Salgueiro homenageia a carnavalesca Rosa Magalhães, que morreu em 2024. O desfile revisita elementos marcantes da obra da artista. Nos ensaios técnicos, Viviane mostrou figurinos inspirados nesse universo, incluindo uma fantasia de cisne branco.

Em outra apresentação antes do desfile principal, ela participou de uma performance em tripé, interagindo com o público e com os músicos. As publicações nas redes da atriz e apresentadora, que tem mais de 15 milhões de seguidores, aumentaram a expectativa para sua apresentação na avenida. ■



Mileide Mihaile



Viviane Araújo

Jogando em casa

Rio Open abre sua 12ª edição com a expectativa de ver o tenista João Fonseca brilhar em casa e com apoio da torcida

Ivan Gomes

Em pleno Carnaval, o Rio de Janeiro volta a receber o principal torneio de tênis na América do Sul. Entre os dias 14 e 22, o Jockey Club Brasileiro, na Gávea, vai receber o Rio Open. Em sua 12ª edição, ele já está consolidado como um dos 13 eventos de nível ATP 500 e é peça fundamental para os atletas que buscam somar pontos importantes no ranking mundial.

Desde sua primeira realização, em 2014, o torneio tornou-se uma das grandes atrações do calendário da ATP, tendo coroado lendas como os espanhóis Rafael Nadal e Carlos Alcaraz. Atualmente, o argentino Sebastián Báez defende o título de simples, enquanto os brasileiros Marcelo Melo e Rafael Matos entram como os atuais campeões de duplas.

A edição de 2026 acontece logo após a disputa do Aberto da Austrália. No entanto, algumas das principais estrelas do circuito — Jannik Sinner (Itália), Novak Djokovic (Sérvia), Alexander Zverev (Alemanha) e Alcaraz, — não estarão presentes no saibro carioca.

O cenário sofreu novas baixas recentemente: o italiano Lorenzo Musetti, que seria o cabeça de chave número 1, cancelou sua participação para tratar uma lesão muscular sofrida na Austrália. Além dele, o veterano francês Gaël Monfils, de 39 anos, que faz sua temporada de despedida, também anunciou desistência devido a lesão.

Com isso, a liderança entre os favoritos recaiu sobre o argentino Francisco Cerúndolo (nº 19 do ranking). O quadro de simples conta com 32 competidores, incluindo

nomes como Matteo Berrettini, Lorenzo Sonego (ambos italianos) e o próprio Báez, que busca o bicampeonato

A torcida brasileira terá motivos de sobra para apoiar os atletas da casa, especialmente João Fonseca, que disputa o torneio diante de sua torcida — ele nasceu no Rio de Janeiro.

Mais maduro e mais bem posicionado no ranking, o tenista de apenas 19 anos participa de seu segundo Rio Open e aparece como um dos princi-

pais candidatos ao título, entrando como terceiro cabeça de chave da competição. Em 2026, João disputou o Grand Slam da Austrália após desistir dos dois primeiros torneios da temporada devido a uma lesão. E encarou o ATP 250 de Buenos Aires, mas perdeu no primeiro jogo. No torneio australiano, sofreu com a parte física e acabou eliminado ainda na primeira rodada.

Apesar do início de temporada difícil, a jovem estrela brasileira chega ao saibro carioca com altas expectativas. João contará com o apoio maciço do público, que deve transformar o Jockey Club Brasileiro em um ambiente favorável e pressionar seus adversários.

Outros brasileiros correm por fora. O segundo mais bem colocado no ranking é Thiago Seyboth Wild, que ocupa a 197ª posição da ATP. Já João Lucas Reis da Silva, Thiago Monteiro e Gustavo Heide, números 207, 209 e 257 do ranking, respectivamente, aparecem como apostas improváveis.

A expectativa é que o Jockey Club Brasileiro se transforme em um verdadeiro “caldeirão”, impulsionando João contra os adversários internacionais em busca de um título inédito para o país na chave de simples. Ex-número 1 do mundo, André Agassi foi convidado para entregar a taça de campeão nesta edição do torneio. ■



MAURO PIMENTEL/AFP

Apesar do início de temporada difícil, João Fonseca chega ao saibro carioca com altas expectativas

A conquista pelo estilo

Brasil chama atenção pelo uniforme das Olimpíadas de Inverno, criação entre a grife Moncler e o designer brasileiro Oskar Metsavaht. Apesar do sucesso, a coleção não está à venda

A delegação brasileira dos Jogos Olímpicos de Inverno, que acontecem até o dia 22 nas cidades de Milão e Cortina d'Ampezzo, na Itália, é pequena: apenas 14 integrantes. Embora o país esteja na expectativa de sua primeira medalha na história da competição, é inegável que o time já chamou a atenção do mundo e se tornou um dos campeões de estilo na cerimônia de abertura do evento, na semana passada. E isso se deve ao uniforme usado na festa.

Mesmo quem não acompanhou a abertura ao vivo não escapou da repercussão que as roupas criadas pela grife

Moncler junto com o designer brasileiro Oskar Metsavaht causaram em fãs do esporte e do universo da moda. Divididas entre as cidades que recebem os jogos, as delegações se apresentaram em portais diferentes e, desse modo, cada time teve dois porta-bandeiras.

No estádio San Siro, em Milão, o esquiador alpino Lucas Pinheiro Braathen, a principal aposta do Brasil para medalha, brilhou como se estivesse em uma passarela da moda. Na cidade de Cortina, Nicole Silveira, que compete no skeleton, fez as honras, com o time fazendo “passinhos”. Além da desenvoltura, os dois vestiam capas brancas

escultóricas. E ao estilo puffer, como se chamam os modelos com gomos. As demais peças, como sueter e short, repetem o padrão.

De silhueta longa, as capas criam sensação de movimento, mantendo abertura dupla com botões e um capuz imponente inspirados em vestimentas protetoras contra a neve usadas em expedição. No interior de cada capa, surge a bandeira do Brasil – na cerimônia de abertura, ela foi percebida em rápidos vislumbres. Para essa parte interna, a bandeira foi aplicada em técnica de intarsia (unindo blocos de cor). As peças são confeccionadas no nylon laqué reciclado, característica da Moncler.

“Nessa capa existe um pouco do ceremonial do Carnaval que nós temos. De majestade, de espírito, de acolher. E nossa alma brasileira está por dentro”, declarou Metsavaht no perfil das redes do Time Brasil.

Enquanto os porta-bandeiras se destacaram pelo branco e pelas cores da bandeira por dentro, o restante da dele-



O esquiador alpino Lucas Pinheiro Braathen brilhou no estádio San Siro, em Milão



O uniforme do Time Brasil é inspirado em traje da Moncler criado para expedição histórica

FOTOS DIVULGAÇÃO

gação veio de roupas de tom azul-escuro (quase preto) e verde no interior e no abô interno de um curioso chapéu. Todos os uniformes ostentavam a estrela brasileira, o brasão do Comitê Olímpico do Brasil (COB) e o logotipo da Moncler.

Os looks azuis incluiam jaquetas puffer, com shorts coordenados para os homens e saias combinando para as mulheres. O calçado dos atletas foi uma bota de inverno Moncler Altive, reinterpretada em versões nas cores branca ou azul.

Parceria luxuosa

O que chamou atenção não foi apenas o design do uniforme, mas o fato de a grife de luxo especializada em roupas de frio ter escolhido se vincular ao Brasil nas Olimpíadas de Inverno. E a Moncler não patrocinava um time havia mais de 50 anos.

Retornar ao cenário olímpico representa uma estratégia tanto de marketing quanto de reforço de imagem global para a grife, destacando sua conexão histórica com esportes de neve e performance técnica. A empresa é patrocinadora oficial do COB e patrocinadora técnica da Confederação Brasileira de Desportos na Neve.

Além disso, a Moncler está ligada a um dos atletas do time: Lucas Pinheiro. O esquiador alpino nasceu na Noruega, mas tem mãe brasileira. Ele vinha conquistando espaço no circuito internacional como desportista norueguês. Em 2023 foi campeão do mundo no esqui alpino, mas no mesmo ano teve desentendimentos com a federação do país e se desligou do time. Em 2024, decidiu competir pelo Brasil. E no fim daquele ano, Lucas foi nomeado embaixador global da linha Moncler Grenoble, a divisão da marca focada em sportswear técnico e lifestyle de montanha.

Em 2025, Lucas, já como atleta do Brasil, alcançou a vice-liderança no slalom gigante da Copa do Mundo e acumulou medalhas importantes, consolidando-se como uma das maiores esperanças brasileiras no esporte de inverno.

Quando a Moncler, comandada pelo italiano Remo Ruffini – que é também diretor criativo da grife –, começou a pensar no desenho da coleção, o nome que veio à mente foi o de Metsavaht. Há

um ano, a marca e o estilista, fundador da Osklen, fecharam a collab.

Fora o fato de ser brasileiro e um designer respeitado dentro e fora do país, Metsavaht é um convedor dos esportes de inverno. Em 1997, ele competiu representando o Brasil em uma competição de slalom gigante no snowboard, da Federação Internacional, em Valle Nevado, no Chile. Conquistou o terceiro lugar.

Mas sua primeira criação de vestuário para a neve não foi para a abertura dos Jogos de Milão-Cortina. Ele tinha criado um casaco desenvolvido para uma expedição nos Andes. Por isso, desenhar os uniformes olímpicos significou para Metsavaht revisitá seu passado esportivo.

Por sinal, o uniforme brasileiro reinterpreta um ícone da grife: a jaqueta Karakorum, criada originalmente para os alpinistas italianos Achille Compagnoni e Lino Lacedelli durante a histórica ascensão ao K2, a primeira vez que se alcançou o cume da segunda montanha mais alta do planeta – a escalada é tão difícil que a conquista, em 31 de julho de 1954, se tornou um marco do alpinismo do século 20. 

Com Eduardo Vargas

Dos Alpes franceses para Milão

Atualmente, a Moncler é definida como grife italiana, mas nem sempre foi assim. Fundada em 1952, em Monestier-de-Clermont, nos alpes franceses, a empresa começou produzindo roupas e equipamentos para ambientes de frio extremo, desde sacos de dormir até casacos técnicos. A associação com esportes de inverno aconteceu de forma natural, e a marca rapidamente ganhou reputação por sua funcionalidade.

Nos anos 1990, a Moncler enfrentou dificuldades financeiras até ser adquirida, em 2003, pelo empresário Remo Ruffini, que transferiu a sede para Milão e reposicionou a marca como um ícone de luxo global. Atualmente listada na bolsa de valores italiana e com faturamento anual superior a 3 bilhões de euros, a empresa é um dos principais nomes do segmento premium de moda e performance.

O look azul escuro é composto por jaqueta puffer, com chapéu, short e saia





FOTOS DIVULGAÇÃO

Coleção Adidas Originals Carnaval x Boca Rosa traz peças com tons de rosa e prata

Em clima de folia

Boca Rosa assina sua primeira collab: a empresária lança coleção com a Adidas

A empresária e criadora de conteúdo Bianca Andrade, conhecida como Boca Rosa, fechou sua primeira collab com uma marca. A parceria é com a Adidas e já vem preparada para a temporada de folia e blocos pelas ruas. A nova coleção é a Adidas Originals Carnaval x Boca Rosa, composta por roupas e acessórios e o modelo de tênis Superstar em rosa.

Desenvolvida em cocriação entre a marca e a empresária, a linha materializa a parceria que vem sendo construída desde 2024. As peças foram criadas tendo o rosa e o prata como cores centrais, combinado a tons de brilhos, elementos que refletem a identidade vi-

sual de Adidas e o momento atual de Boca Rosa, dizem os parceiros. Já à venda no site da Adidas e em algumas lojas, a coleção traz top, shorts, body, pochetes e buckets, além dos tênis.

Para completar, Boca Rosa apresenta ainda o novo Lip Star metalizado, que possui acabamento de alto brilho, textura leve e um mix de ingredientes que, segundo a empresária, ajudam na nutrição, proteção e hidratação dos lábios. Em edição limitada, o produto vem na cor Super Rosa, em tom metalizado. Acompanha ainda chaveiro especial para carregar em todos os blocos.

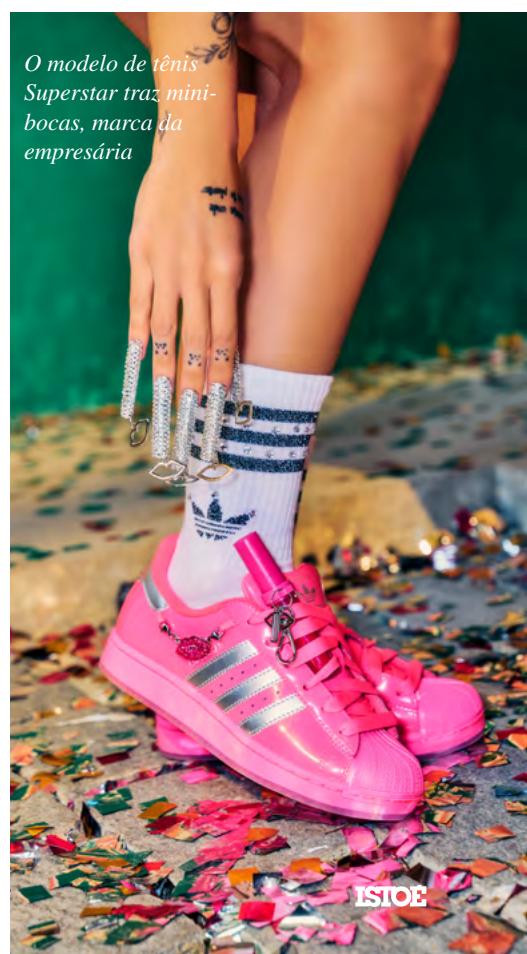
“Essa parceria é a junção perfeita dos territórios que mais amo: moda e

beleza. O tênis e o lip gloss entram como extensões do styling, trazendo brilho, atitude e personalidade. A collab foi pensada para dialogar com a energia do Carnaval, um espaço de liberdade, expressão e presença. O resultado é uma coleção vibrante, ousada e plural”, declarou Bianca.

A Adidas destaca a criação de um Superstar em rosa, com detalhes em prata, fazendo referência à marca Boca Rosa. No solado e na lateral do tênis estão mini-bocas, marca registrada da empresária. A collab resultou em um modelo com atitude. Na visão da marca, o produto atrai consumidores que são fãs do Carnaval e o enxergam como espaço de liberdade, encontro e expressão de identidade.

Para a Jessica Silva, gerente sênior de lifestyle da adidas Brasil, a parceria representa a união entre o estilo da marca e a energia criativa e vibrante de Bianca Andrade. “Estamos falando de comunidade, expressão e celebração: valores que fazem parte tanto da festa brasileira quanto do DNA da Adidas Originals”, comentou. ■

O modelo de tênis Superstar traz mini-bocas, marca da empresária



O k-pop chegou lá

Stray Kids, headliner do Rock in Rio, mobiliza fãs até em sessões de cinema. Show antecede a volta do BTS ao Brasil

Sofia Magalhães

O anúncio do boy grupo sul-coreano Stray Kids como headliner do Palco Mundo no Rock in Rio 2026 pegou todos de surpresa, já que essa é a primeira vez que uma apresentação de k-pop fará parte do line-up do festival, que acontece em setembro. Evidenciando a expansão desse gênero mundo afora, a banda lançou o filme “The Dominate Experience”, que documenta detalhes da sua turnê mundial mais recente.

Para ativar essa novidade, a organização do Rock in Rio fez uma parceria com a rede de cinemas Kinoplex. Juntos, eles promoveram sessões especiais em São Paulo e no Rio de Janeiro

Stray Kids já se apresentaram no país em 2025, quando foram vistos por 175 mil pessoas



três shows em território nacional: dois em São Paulo, no estádio Morumbi, e um no Engenhão, do Rio de Janeiro.

Com tamanha audiência, os cantores conquistaram o posto de maior público de k-pop no Brasil. O recorde era do BTS, que trouxe a “Love Yourself: Speak Yourself” para o país em março de 2019: as apresentações aconteceram no Allianz Parque, na capital paulista.

Inclusive, a participação do Stray Kids no festival acontece um mês antes do retorno do Bangtan Boys, nome alternativo do grupo, formado por RM, Jin, Suga, J-Hope, V, Jimin e Jungkook, ao Brasil. Os sete integrantes se apresentarão no país nos dias 28, 30 e 31 de outubro, com a “World Tour Arirang”. Em março, eles lançam o álbum “Arirang”, com direito a transmissão do show pela Netflix.

Composto por oito integrantes – Bang Chan, Lee Know, Changbin, Hyunjin, Han, Felix, Seungmin e I.N –, o boy group “debutou” em 25 de março de 2018, com o álbum “I Am Not” e o single “Districk 9”.

Sob o agenciamento da JYP Entertainment, o grupo é conhecido por sua intensa atividade musical: possuem cinco álbuns (com mais de sete faixas), mixtapes (projetos mais descontraídos, geralmente composto por raps) e trabalhos solo.

Bang Chan Líder do grupo, Christopher Chahn Bahng – nome de batismo do cantor – nasceu na Coreia do Sul, mas cresceu em Sydney, na Austrália. Aos 28 anos, é o integrante mais velho e o principal responsável pela produção e composição das músicas, além de atuar no rap e vocal.

Lee Know Lee Minho nasceu e cresceu na Coreia do Sul. Embora atue como rapper, é conhecido por suas habilidades em dança. Ele chegou a atuar como backup dancer do BTS em 2017, durante a turnê “Wings Tour”.

Hyunjin Hwang Hyun-jin é dançarino, rapper e modelo. Nascido na Coreia do Sul, ele é o “visual” e o “center” do Stray Kids, sendo frequentemente destacado por sua presença de palco e estética marcante.

Han Han Ji-sung também nasceu e cresceu na Coreia do Sul. Apesar de atuar como rapper, é conhecido por ter uma das vozes mais versáteis e potentes do grupo.

Felix O membro estrangeiro do grupo, o australiano Felix Yongbok Lee, ou apenas Felix, se mudou para a Coreia do Sul ainda adolescente, e sem falar coreano fluentemente, para estrear com os outros integrantes. Ficou popular por conta da sua voz grave e também é rapper.

Seungmin Outro dos vocalistas do Stray Kids, Kim Seung-min nasceu e cresceu na Coreia do Sul. Tinha o sonho de se tornar um jogador profissional de beisebol antes de entrar para a JYP Entertainment.

Changbin Seo Changbin, nascido e criado na Coreia do Sul, é um dos rappers mais emblemáticos do grupo. Tem como inspiração o norte-americano Kendrick Lamar.

I.N Membro mais novo do grupo, Yang Jeongin, é vocalista e dançarino. Em bate-papo com os fãs, já revelou que seria professor do fundamental caso não tivesse estreado no Stray Kids. **E**



BTS fará três apresentações no Brasil em outubro

REPRODUÇÃO/FACEBOOK
DIVULGAÇÃO

Blackpink faz parte da terceira onda do fenômeno cultural



Gerações na construção do gênero

Embora tenha se popularizado na última década, impulsionado pela ascensão global do BTS – que se consolidou como um dos principais fenômenos culturais do mundo –, o k-pop é um gênero musical que começou a tomar forma no final dos anos 1990.

Hoje, já conquistou o Grammy e o Globo de Ouro, com "Guerreiras do K-Pop" sucesso da Netflix em parceria com a Sony.

Em março, as guerreiras e o hit "Golden" vão disputar o Oscar de Canção Original. A animação da Netflix trata de um grupo chamado Huntr/X, que faz shows para seus fãs e também caça demônios.

No elenco de vozes em inglês estão Ejae, que faz Rumi, a líder do Huntr/X. Audrey Nuna e Rei Ami completam o time cantando como Mira e Zoey, respectivamente. Elas estão encarregadas apenas das vozes musicais.

Para entender mais da ascensão da música pop coreana, é importante conhecer suas gerações, com diferentes artistas respondendo pelo desenvolvimento do gênero. Fãs consideram que estamos na quinta geração do k-pop.

Na 1ª Geração estão grupos como Seo Taiji and Boys e Shinhwa, além dos solistas BoA e Psy, do hit "Gangnam Style". Eles foram os responsáveis por começarem a dar forma ao fenômeno global atual.

A 2ª Geração é o "Hallyu", ou a Onda Coreana. Começou a se popularizar com as girls groups Girls Generations (donas dos hits "Gee", "Oh" e "The Boys"), 2NE1 ("I'm The Best" e "Fire") e Wonder Girls ("Tell Me" e "Nobody"). Grupos como Super Junior e BigBang também são considerados as grandes estrelas da fase.

A 3ª Geração representa a época que o k-pop se expandiu internacionalmente. É considerada a mais importante para o gênero. Foi nessa fase que o BTS estreou – no fim de 2022 eles saíram de cena devido ao alistamento militar obrigatório e estão retornando em 2026. Além deles, grupos como Blackpink e Twice são dessa onda.

Já a 4ª Geração é fortemente influenciada pela pandemia de Covid-19. Grupos como Stray Kids, Enhypen, I-DLE e New Jeans estrearam com músicas voltadas para as redes sociais, em especial o TikTok, com produções mais curtas.

A fase atual do k-pop, a 5ª Geração, tem como estrelas ZeroBaseOne, RIZE e BabyMonster. Os artistas são caracterizados pela expansão internacional, com muitas letras em inglês.



O show de Bad Bunny alcançou a média de 128,2 milhões de espectadores nos Estados Unidos

JOSH EDELSON/AF

"Seguimos aqui"

Bad Bunny conquista a 2ª maior audiência de show no Super Bowl, obtém 4 bilhões de visualizações nas redes em 24 horas e "integra" a América, em desafio ao governo Trump

Lena Castellón

God bless America". A frase presente frequentemente em discursos de presidentes norte-americanos soou diferente no domingo, 8, quando o porto-riquenho Bad Bunny se preparava para encerrar seu show apoteótico no intervalo do Super Bowl LX, o maior evento esportivo dos Estados Unidos. O artista repetiu o mantra em inglês (que significa "Deus abençoe a América") e completou listando uma boa parte dos países que compõem o continente, de Norte a Sul. O recado estava dado: a América é muito mais do que a nação de Donald Trump.

Bad Bunny é o primeiro artista a se apresentar cantando somente em espanhol no Halftime Show, o intervalo ocupado por artistas em apresentações de até 15 minutos. Dias antes, ele se consagrou como o primeiro músico a levar o prêmio de Álbum do Ano do Grammy com um disco 100% em espanhol: "Debi Tirar Más Fotos".

Diante de uma rígida e violenta política anti-imigração adotada por Trump, que impacta em especial a comunidade latina, a escolha do "mau coelhinho" para fazer o show só poderia irritar o mandatário. De fato, Bad Bunny foi criticado do primeiro ao último momento pelo presidente, que decidiu não ir à decisão da liga do futebol americano, a NFL.

De acordo relatório da Nielsen, o show alcançou média de 128,2 milhões de espectadores nos Estados Unidos. É o segundo melhor resultado da história do espetáculo musical no intervalo do Big Game. A liderança é do rapper Kendrick Lamar, estrela do ano passado, que atraiu a atenção de 133,5 milhões de pessoas.

Já a média de público do jogo em si foi de 124,9 milhões. O que demonstra que a audiência do show do artista porto-riquenho superou a média registrada pelos fãs do esporte que acompanhava-

ram o embate entre New England Patriots e Seattle Seahawks – mas o pico da partida, quando o Seahawks vencia o rival por 6 a 0, atraiu 137,8 milhões de espectadores. Ao fim, o time de Seattle levou a taça, fechando a partida com o placar de 29 a 13.

A NFL divulgou que o show de Benito Antonio Martinez Ocasio, nome do artista, bateu recorde nas redes sociais. O total de visualizações nas primeiras 24 horas do espetáculo, conforme dados da Ripple Analytics, chegou a 4 bilhões (incluindo os perfis da liga, de parceiros e de influenciadores). É um aumento de 137% na comparação com 2025. A entidade ressalta que mais de 55% das visualizações sociais do show são de mercados internacionais.

Ainda segundo a NFL, os três posts mais vistos da história das redes sociais da liga agora são clipes do show do Super Bowl LX.

O primeiro deles é a publicação que destaca a mensagem "Only Thing More Powerful Than Hate is Love" (A única coisa mais poderosa do que o ódio é o amor) no Instagram, que registrou 179 milhões de visualizações, com 54% delas vindo de fora dos Estados Unidos.

Em segundo lugar, também no Instagram, é o momento em que Bad Bunny lista países antes de jogar a bola oval em um movimento que replica o "touchdown", com 168 milhões de views. Deles, 68% são internacionais.

No terceiro posto está a mesma cena, porém veiculada no perfil da NFL no TikTok, que rendeu 100 milhões de visualizações. Desse total de views, 60% são de mulheres, 91% são de espectadores com menos de 35 anos e 36% com menos de 25.

Vários momentos do show de 13 minutos de Bad Bunny foram compartilhados nas redes, do casamento real que aconteceu no estádio ao menino dormindo sobre três cadeiras de plástico, das participações de Lady Gaga e Ricky Martin, aos convidados na "casita" cenográfica (como o chileno Pedro Pascal e a colombiana Karol G). Isso inclui, claro, a cena em que, depois de listar os países, ele mostra uma bola oval com as palavras "Juntos somos América" e emenda com "Seguimos Aqui" para depois concluir sua apresentação em clima de festa. ■

Filmes e séries

Clássico revisitado

Os cinemas recebem nesta semana uma nova versão de "O Morro dos Ventos Uivantes", com Margot Robbie e Jacob Elordi



FOTOS DIVULGAÇÃO

"O Morro dos Ventos Uivantes"

Dirigido por Emerald Fennell ("Bela Vingança" e "Saltburn"), o filme revisita o clássico romance de Emily Brontë, publicado em 1847. Ambientadas em Yorkshire, a trama acompanha o amor obsessivo entre Catherine Earnshaw, interpretada por Margot Robbie, e Heathcliff, vivido por Jacob Elordi. Criados sob o mesmo teto, os dois desenvolvem uma ligação intensa marcada por rejeição, ressentimento e desejo. Entre paixão e vingança, o relacionamento destrutivo ameaça arruinar as famílias. Para quem conhece a história, a tensão é esperada. No filme de Emerald, porém, há outros aspectos que podem surpreender, como o visual dos personagens, com peças que parecem ter sido feitas para um desfile.



Em cartaz no cinema

"Caminhos do Crime"

Chris Hemsworth interpreta um ladrão de joias que executa assaltos ao longo da rodovia 101, em Los Angeles. Às vésperas de novo golpe, ele cruza o caminho de uma corretora de seguros (Halle Berry). Enquanto isso, um detetive (Mark Ruffalo) começa a investigar os roubos.

"A Sapatona Galáctica"

Animação sobre uma princesa lésbica do espaço que precisa salvar sua ex-namorada sequestrada. Forçada a sair de sua zona de conforto, ela embarca em uma missão intergaláctica improvável.



Destaques do streaming

"Vizinhos"

Esta série documental estreia dia 13 com histórias de conflitos residenciais reais, chocantes e dramáticos, protagonizados por uma ampla variedade de personagens nos Estados Unidos. **HBO Max.**



REPRODUÇÃO

"America's Next Top Model: Choque de Realidade"

Com estreia no dia 16, este documentário conta os bastidores do reality "America's Next Top Model", trazendo modelos e jurados como Tyra Banks. Ele expõe as polêmicas ocorridas atrás das câmeras. **Netflix.**



Ícone de uma geração

Astro da série "Dawson's Creek", James Van Der Beek morre aos 48 anos; ator tratava câncer colorretal desde 2023

Quando ainda não havia plataformas de streaming, muitas séries geravam levas de fãs para os canais pagos. Foi assim com a Sony no Brasil nos anos 1990 e início dos 2000, que formou "sonymaníacos" que aguardavam com ansiedade os capítulos semanais de produções como "Seinfeld", "Friends" e "Dawson's Creek". Esta se tornou uma referência de série focada em adolescentes – mas que também agradava adultos.

Dawson era o nome do personagem principal, um jovem alucinado por cinema e aspirante a diretor que se inspirava em seu ídolo, Steven Spielberg. Ele foi interpretado com brilho por James Van Der Beek, ator que estava com 20 anos à época e vinha de experiências no teatro off-Broadway e no cinema independente. É essa imagem, do estudante sonhador, que ficou marcada na carreira de Van Der Beek. Diagnosticado com câncer colorretal em 2023, ele enfrentou um longo tratamento, tornado público em 2024. O ator morreu na quarta-feira, 11, aos 48 anos.

Produzida pela The WB (de Warner Bros), "Dawson's Creek" contava a história de quatro adolescentes que viviam na fictícia cidade de Capeside, Massachusetts (mas filmada na Carolina do Norte). Durante seis temporadas, eles lidaram com os desafios do crescimento, de paixões e romances tumultuados (e mesmo proibidos) até planos para a fase adulta e amizades abaladas por bobagens da juventude. Essa turma era composta por Dawson Leery, Joey Potter (Katie Holmes), Pacey Witter (Joshua Jackson) e Jennifer Lindley (Michelle Williams).



Van Der Beek ficou marcado pelo papel de Dawson Leery, um jovem aspirante a cineasta que tinha Spielberg como ídolo

grou o elenco de produções como "Não Confie na P— do Apartamento 23", "Mercy" e "Friends With Better Lives". Mais recentemente, participou de "CSI: Cyber" e "Pose" e dublou 69 episódios da animação "Vampirina". Também competiu na 28ª temporada de "Dancing With the Stars" e participou do "The Masked Singer", no ano passado. Sua participação mais recente foi em dois episódios da série "Muito Esforçado".

Em 2024, quando revelou ter câncer em entrevista para a revista People, Van Der Beek contou que o diagnóstico foi feito em uma colonoscopia de rotina após ele sentir mudanças em seu sistema digestivo.

Em setembro passado, Michelle organizou um encontro do elenco de "Dawson's Creek" em Nova York. O objetivo foi arrecadar fundos para o tratamento de Van Der Beek

e para uma entidade de luta contra o câncer. O ator iria participar do evento, porém, dias antes, adoeceu. Ele gravou um vídeo onde diz: "Não consigo acreditar que não vou ver os meus colegas de elenco, o meu querido elenco". E sorriu falando de seu personagem na série e da acolhida do público.

A família comunicou a morte pelas redes: "Nosso amado James David Van Der Beek morreu pacificamente nesta manhã. Ele encarou seus dias finais com coragem, fé e serenidade". Kathie Holmes também foi às redes para divulgar uma carta emotiva em que agradece os momentos compartilhados.

Além da esposa, a produtora Kimberly, James Van Der Beek deixa seis filhos: Olivia, Annabel, Emilia, Gwendolyn, Joshua e Jeremiah. ■

Wagner Moura, Paulo Vieira e nossa capa

Wagner Moura continua a provocar reações do público e de estrelas do cinema. É o que se vê nas interações desta semana. Também chamaram atenção um post sobre Paulo Vieira e o caso Epstein na capa da edição 22.

Margot Robbie rasga elogios a Wagner Moura

A atriz Margot Robbie elogiou o ator brasileiro Wagner Moura em entrevista durante evento de divulgação do filme “O Morro dos Ventos Uivantes”, que estreia nesta semana e que conta também com Jacob Elordi. A dupla se rendeu a Moura, que passou pelo local, enquanto falava com a reportagem do UOL. A atriz comentou que o brasileiro “é realmente muito bonito”.



Paulo Vieira, ao ser gravado sem consentimento: 'Me senti traído'

Paulo Vieira criticou o uso de óculos com câmeras para gravar pessoas sem consentimento. O desabafo ocorreu após o humorista descobrir que foi filmado durante uma conversa em um açougue. “Eu achei que era só uma conversa entre dois seres humanos, mas no fim era a m*rda da produção de conteúdo. Eu me senti meio traído, sabe?”



Trump e o vídeo racista

O presidente Donald Trump publicou em sua plataforma social no dia 5 um vídeo sobre as eleições em que foi derrotado por Joe Biden com conteúdo conspiratório e que se encerrou de forma racista: o ex-presidente Barack Obama e sua esposa Michelle foram retratados como macacos, o que provocou a indignação de líderes democratas e de alguns representantes republicanos. O vídeo foi apagado depois.



Ligações perigosas

A reportagem de capa da edição 22 da revista IstoÉ mostrou que os arquivos deixados pelo magnata Jeffrey Epstein, abusador sexual de menores, morto na prisão em 2019, se transformaram em uma herança maldita que assombra a aristocracia econômica e política global. A nova leva de documentos liberada pelo Departamento de Justiça dos EUA apresenta trocas de mensagens que aprofundam as conexões de Epstein com empresários como Bill Gates e Elon Musk.



Ana Maria Braga e o pedido por mais tempo no ar

A Coluna Matheus Baldi conta que Ana Maria Braga pede por mais espaço no ar desde 2023. Com atrasos na entrega do “Mais Você”, uma reclamação de apresentadores de uma afiliada deu visibilidade para a insatisfação da loira com o tempo de duração do seu programa.

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaISTOE

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoeinheiro

Palavra por palavra



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"Ele detalhou muito como ia me matar, e não só a mim, meu filho e meus amigos. Enquanto eu estava na delegacia, ele continuava me mandando mensagens"

Daniele Suzuki, atriz, relatando o stalking que sofreu por 17 anos ao programa "Encontro", da Globo; o homem que a perseguiu, Danilo da Silva Macedo, foi preso no dia 30 de janeiro

"Eu acho que é questão de cultura essa valorização do futebol feminino. E isso parte do investimento, que nós estamos fazendo. Divulgação das emissoras, eu preciso muito da parceria da Globo com investimento e maior visibilidade. Melhores horários para o futebol feminino. Não colocar a gente às oito e meia, nove e meia da noite"

Leila Pereira, presidente do Palmeiras, sobre apoio ao futebol feminino no dia em que o time alvinegro enfrentou – e venceu – o Corinthians na decisão da Supercopa

REPRODUÇÃO INSTAGRAM



Raphael Ribeiro/BCB

"Hoje, a minha opção seria por uma mulher. Eu acho que as mulheres cresceram muito. Tereza Cristina é um máximo para tudo, até para presidente. Tereza Cristina era quem eu queria que fosse vice do Bolsonaro na última eleição"

Valdemar da Costa Neto, presidente do PL, sobre sua preferência por uma mulher como vice-presidente na candidatura de Flávio Bolsonaro



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

"O Brasil vai ter um novo show. E não, eu não vou cancelar e sim, peço desculpas pelo que fiz quando cancelei. E amo vocês! Beijos"

Doechii, cantora que está no line-up do Lolla Brasil 2026, em março; em 2024, ela cancelou sua apresentação no Afropunk Experience São Paulo, alegando motivos pessoais e imprevistos

"Comparamos as metas de diversos países, avançados e emergentes, para ver se a que a gente estabeleceu estava fora do que é a meta para muitos dos nossos pares. Ela está totalmente em linha com o que a gente observa de outros países"

Gabriel Galípolo, presidente do Banco Central, que afirmou que a meta de inflação fixada em 3% ao longo de 12 meses está correta



WALTER CAMPAANO/AGÊNCIA BRASIL

Paixão sobre rodas.



MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

